

018  
10. NOV. 1998



ANO IV - N.º 172  
31  
AGOSTO  
1944  
PREÇO AVULSO  
ESC. 1\$50

**VIDA  
MUNDIAL**

Esta flor tem o seu simbolismo ligada ao amor. A namorada pergunta-lhe: «O meu amor é constante?». E assopra. Se os flocos graciosos ficam presos à corola da flor ela sorri. Se se desprendem, entristece. Nos campos, «O amor dos estudantes» anda misturado aos sonhos dos raparigos...

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Panorama amoroso

A mulher, mais do que a natureza, tem sido o facho luminoso de toda a poesia. Os cansados românticos, doentes e saturados, espremeram o denso tirismo das rimas chamando-lhe tudo — deusa, fada, sol, luar, enfim, todo um mundo num corpo fransino de adolescentes... A mulher ouviu, através dos séculos, tudo isto e riu-se, riu-se, sem saber por quê. Alexandre Herculano, que foi dos mais pujantes cinzeladores da nossa língua, escreveu um dia, referindo-se à companheira do homem: «tirai a mulher desta árida paisagem da vida e vereis o que fica — isolamento, nada...».

De facto, parece ser assim. A mulher enche uma casa, uma plateia, a rua inteira. É ela, com a sua graça e subtilidade, com o seu sorriso e encanto, a causadora de todos os sacrifícios humanos. Mas pergunta-se: valerá a pena? Há homens, como diz a letra daquele célebre fado que, epidemicamente, por aí se ouve: «capazes de roubar por um sorriso». Se a lei se fêz para punir — quem comete tal desacato vai malhar com os ossos nos ares aprazíveis da Penitenciária — enquanto ela, a inspiradora do ciúme, distraidamente vai sorvendo carapinhadas nas tardes cêdidas de Agosto...

De tudo isto, afinal, há uma dupla cumplicidade: a poesia e o poeta. A poesia é para cantar — é para dizer na linguagem doce e simples aquilo que se sente — e aquilo que se ama. Mas ninguém tem, na verdade, culpa dos males do poeta ou dos seus amores infelizes. Lá porque uma Beatriz qualquer, boneca de vestidos de seda e meia cara, lhe acenou negações ao escaldante amor que abrasava o coração do vate, não é caso para este desatar a fazer um abaixo assinado, em poesia, chamando ingratas, traidoras, a todas as Beatrices de Portugal inteiro — continente e ilhas adjacentes. Por outro lado, se o poeta foi feliz com a Palmira, que tinha olhos verdes — e lembrava, na elegia, o mar manso e adormecido — não venha ele, também, ruidoso e bombástico, em setilhas bem rimadas, dizer que as Palmiras são as mulheres encantadoras que deviam ter estátuas em todo o mundo. Para isso o poeta, rapaz decerto agradável e alegre, embora por sofisma, costuma meditar, agarra nos versos, reúne a família e lê, com voz untada de sentimento, o intenso labor intelectual do seu cérebro privilegiado. Hoje, a nossa vida mudou muito. Não sabemos bem o que valerá mais numa mulher: se são dois olhos brilhantes e negros — se um paladar apurado, que não deixe esturrar a sopa.

Não há, também, mulheres bonitas — há as mulheres que nos agradam. Faz-nos lembrar aquele senhorio que alugava as casas apontando da rua: «O meu prédio é este, que tal acha?».

De facto, estava bem pintado, moderno, com largas janelas. Mas a questão é que ninguém — nem dois indígenas da Lourinhã — lhe quis alugar os andares sem meter o narizinho lá dentro...

E, então, aí é que era o diabo. O soalho estava a cair, as paredes nem se fala. Enfim, aquilo necessitava de obras interiores...

Também há mulheres assim. Certos pais ignorantes costumam dizer como o senhorio: «Presento a minha filha. Que tal acha?».

O rapaz mira, olha, vê, remira — e não torce o nariz. Bem lançada, bem vestida, frontaria lavada — perdão, suja de tintas! — um certo ar de distinção desde as clavículas aos calcanhares. Mas as obras interiores? Ai é que está o busilho. Por dentro aquilo está tudo por arrumar — quando, o que acontece raras vezes, têm alguma coisa que arrumar. Geralmente, o que se encontra dentro, segundo uma autopsia feita por um psicólogo barato, resume-se — quando elas são de boas famílias e de sociedade — a três ou quatro mil metros de filme, tomados em comprimidos «Eden», «S. Luis» e «Tivoli», dúzias de palavras deturpadas de inglês e francês, quinhentos litros de chá da «Marques», um fado sentimental e restos de «bêtons» engendros por engano. Evidentemente que nem todas são assim — salvam-se aquelas que não puderam ser assim — e as que nunca quiseram ser assim.

E antigamente? Era a mesma coisa. Onde está hoje a plateia — estava ontem o serão. Com a agravante: os serões obrigavam as raparigas a isolamento, a fazerem «crochets», a lerem aquelas funestos romances onde o príncipe casava com a pastora — e tudo aquilo cheirava a murrão de petróleo e a anemia no último grau. Felizmente, hoje, a mulher pode fazer uma vida mais desafogada e mais dinâmica: durante o cinema pode adormecer, sem ninguém dar por isso, no ombro do namorado, e, nos intervalos, pode bater as palmas, pedir «Brandy» e cigarros. De resto, lá está ele, o homem, para agüentar com todas as despesas.

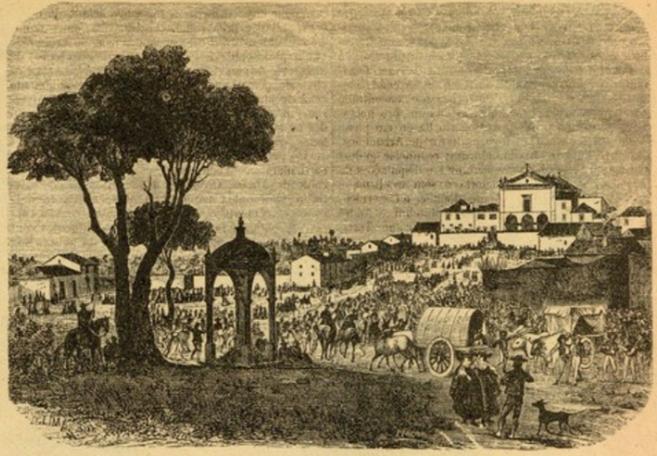
Por isso, senhores, não são só os lojistas, os tendeiros, que têm os géneros racionados. Uma nova classe surgiu agora: os poetas — e a poesia. A poesia está tabelada — por falta de matéria-prima.

Poucas mulheres haverá que os cantores das musas possam, apaixonadamente, dizer: deusa, fada, sol, manhã...

Agora, há um tipo único — utilitário — e um outro superior que custa a encontrar. Os utilitários vêem-se nos cinemas, nos chás, nos «swings» — e são sempre iguais... para infelicidade do homem.

MANUEL MARTINHO

A TORTURA DA BELEZA



A romaria de Nossa Senhora da Atalaia

Se lisboetas foram sempre amigos das festas, fora de portas. Onde houvesse pretexto para se provar um bom vinho, comer uma chouriça ou sardinhas, a pingar no pão, e, logo, que logo nas ceduras da manhã, com um grande cabaz de farnel, batia o campo — nem que lhe ficasse dez léguas bem puxadas o sítio do repasto. Só assim se compreendem as verdadeiras multidões que o Senhor da Rocha, o da Serra, têm comportado. Armam-se umas barracas de lona e tabiques, a pipa de vinho anda em cima de rodas, a fumarada das sardinhas enche o ar dum cheiro forte, que o estalar do sal faz realçar, — e o lisboeta, contente, satisfeito, em mangas de camisa, com a família, diverte-se, diverte-se imenso, com a cabeça já pesada do último copo de vinho que é sempre o que marinha. A Guarda Republicana, a cavalo, vigia a pacatez daquela gente. Mas, as duas por três, azedos e fermentados pelo álcool, há cachaço de criar bicho — coisas, aliás sem importância: tripas de fora, costelas partidas, brechas na cabeça.

Mas a boa harmonia é tudo — e daí a pouco já ninguém se lembra disso para devorarem uma perna de galinha e um arroz de amêijoas.

A vida não está para choros, nem para arellas. Anda-se nos cavallinhos, comem-se tremoços, bebe-se, sobretudo bebe-se muito — e volta-se para casa, como sempre acontece nestas coisas, coxeando, tonto, mas, intimamente dizendo que ainda para gozar um bom bocadão não há como as romarias populares.

A Nossa Senhora da Atalaia é, também, das mais tradicionais. Fica do outro lado do Tejo, a 4 quilómetros de Aldeia Galega.

Tem uma igreja, num ovelheiro, que é um enlêvo de graça. O povo, nesse dia, enche o templo de alecrim, alfazema e de ofertas os altares. Nossa Senhora a Atalaia goza da fama de milagreira.

E então é ver os que ali vão — côxos, doentes, homens de esperanças perdidas, ajoelhados, piedosamente, a pedirem a mercê celestial da virgem. Nos terreiros, em volta, o povo lê dança e canta. Não há romaria que se possa assemelhar, por aquelas imediações. A de Nossa Senhora do Cabo que tanta multidão atrai não suplanta esta. No primeiro domingo depois da Pascoela, já o movimento é enorme. E que nesse dia e seguintes celebram-se as grandes festividades religiosas em honra da padroeira. Um cronista disse acerca da romaria o seguinte: —

«Não se vê nas vizinhanças de Lisboa arraial mais concorrido e pitoresco, pois que a nenhum outro, incluindo mesmo o de Nossa Senhora do Cabo, acode gente das mais longínquas terras, e de trajos mais variados. E não se limita esta animação à praça e adro da igreja. Os matos e pinhais que circundam o santuário transformam-se em vasto acampamento, onde os alegresromeiros folgam de dia, comendo, tocando, cantando e bailando, e repousam de noite minguadas horas para recomecer, ao alvorecer, as suas devoções e folguedos.

Há uma lenda interessante que conta como apareceu a Virgem. Detrás da igreja há uma fonte — que era coberta por uma grande aroeira. Chamava-se a Fonte Santa — e desde tempos remotos muito

povo ali acorria para se curar, com aquelas águas, de certas enfermidades. Mas daí a pouco o povo não levava a curar a cura das sardas. E o certo é que aquilo dava resultado. Um dia, junto da árvore, apareceu uma imagem de Nossa Senhora. Ninguém soube quem a havia deixado ali — tanto mais que aquele sítio, depois dos milagres da Fonte e da árvore, era concorridíssimo.

Logo se espalhou a notícia. Vieram forasteiros de todos os lados. Começou a correr por Portugal inteiro.

Grandes esmolas foram dadas — e daí a pouco a construção da igreja estava acabada e a imagem da Santa no altar-mór. Porém — aqui é que está o interessante — no dia em que se fez a trasladação da Santa para o altar-mór — ela apareceu à noite, na cantareira, junto da árvore. Tantas vezes se repetiu este acto — que o povo compreendendo que devia ser vontade da Senhora ficar no sítio onde recebera as primeiras homenagens, não teve outro remédio senão mandar fazer outra, igual, para colocar na igreja — e aquela ficou sempre ali, junto da árvore, pronta a fazer toda a sorte de milagres.

A REPORTAGEM DA SEMANA

Uma tarde de toiros

A praça está cheia. Ao sol, a uma torreira que confrange, gargantas ressequidas gritam desalmadamente. Uns fizeram, com os jornais, carapuças com que resguardam as cabeças abrazadas; outros enrolam, em volta do pescoço, os lenços de assoar. A sombra e as camarotes, bem guarnecidos de vistosas «toilettes».

O «sol-e-dó» toca uma marcha andaluz, cheia de cor e entusiasmo. — Parte da assistência assobia, contente.

Os homens das alfomadas andam numa roda-viva a atender tanta freguesia.

Cada alfomada de riscado custa dois escudos e serve para tudo — até para se apoiar para a arena quando a «sorte» entusiasma.

O homem do cornetim recebeu a ordem do «inteligente» e deu o toque. Vai começar. Há um sussurro na assistência — e um leve ondul de cabeças.

A porta de ferro — ao fundo da Praça, abre-se e aparece um cavaleiro. Palmas e mais palmas. O cavalo, bem adestrado, executa as cortesias ao som da música. Parece que sabe bailar!

Novo toque e, desenfreado, aparece o touro, um bicho corpulento, espumando, que arremete contra o cavalo. Mas este esquivava-se, com ligeireza, e o touro vai marrar nas capas vermelhas que lhe atiram dois toureiros a pé, pequenos e ágeis. Do sol gritam e assobiam.

Não se entende bem porque. Parece que eles queriam era ver o cavalo com as tripas de fora — e estão com pena do touro porque dizem, muitas vezes: fora, fora, não convém o bicho!

O cavaleiro dá uma volta, com o ferro na mão. O touro está ao meio da praça, sacudindo o gróssio cachaço e raspando

o chão com impaciência. O cavaleiro chama-o, faz-lhe sinais — duas vezes passa ao alcance dos poderosos chifres. Mas o touro parece que tem um motor de gásogénio na barriga: não arranca dali. Então a praça inteira começa a protestar. Dois rapazinhos maclentos, com espinhas na cara e berrantes nós de gravata gritam, vom vôzinha aflautada: «vai-lhe à cara! à cara!».

Não entendemos se isto é para o cavaleiro, se para o touro. O cavaleiro decidido galopa e quando passa junto do touro arremessa-lhe um ferro — donde sai logo sangue. Batem palmas. Um sujeito gordo, deixou cair o chapéu à arena. O nosso vizinho do lado explicou-nos que foi o sujeito que tinha atrado o penante, com o entusiasmo. Concordamos que, de facto, era uma forma de exteriorizar o entusiasmo. Daí a bocadão atirou com o charuto — depois a alfomada — e como estava em mangas de camisa não devia faltar o riscar dum fósforo que o casaco, a mulher — uma senhora magrinha, com cara de medrosa — e um petiz de cinco anos, que devia ser filho, não fossem parar, apoteoticamente, ao meio da Praça. O cavaleiro deu mais duas reviravoltas e saiu. Palmas, muitas palmas. O touro, de fochinho murchado, saudia, com raiva, todos aqueles ferros que o deviam torturar. Vieram os campinos com as vacas — e o animal, no meio daqueles choçalhos lembrou-se do pasto das lezírias, e saiu, satisfeito, como se tivesse vindo ali cumprir uma penitência. A música volta a tocar — e, no meio duma estrepitosa ovação o cavaleiro, de chapéu na mão dá a volta à arena. Voltam a atirar com coltas. Felizmente que o sujeito gordo discutia, acalorado, com o vizinho de trás

que, no meio do entusiasmo da lide, lhe pregara dois encontrões que o iam desequilibrando...

O som estridente do cornetim dá o sinal.

Agora são três toureiros a pé. O touro entra e vem logo investir com a capa. Dá uma série de marradas — e quasi que atira pulos.

A assistência vibra. Dêstes é que eles querem.

É um touro pequeno, com malhas no lombo. O toureiro, ágil, faz coisas mirabolantes. Por duas vezes as hastas do bicho quasi lhe tocam no ventre — mas ele esquivava-se sempre, com elegância e prontidão.

O capote é passado umas poucas de vezes, com galhardia. Ouvem-se as palmas, palmas de entusiasmo. Com as farpas na mão, o toureiro avança, em passos cautelosos, enquanto a música toca um «passedouble». O touro que estava parado arranca rápido, como uma flexa. Mas o toureiro desviou-se — e as farpas ficaram a balouçar na lombreira, junto do cachaço. Vêe-se mais touros. A função repete-se. Parece que é sempre assim. Hoje, como ontem — há anos.

Há uns assobios do sol — porque aquele touro devia ser pegado, naturalmente, ao colo. E só o que falta. Pegam de lado, cernelha, de frente, à cara, — e agora, que querem êles? A assistência é exigente. Deseja ver sangue — costelas, clavículas, estômagos, tudo perfurado, que para isso pagou um caro bilhete.

Mas a tourada acaba — e a bem. Os únicos feridos foram os touros — e esses é única vingança que podem fazer é fornecer uma carne para bife, mais rija do que sola.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Com vista às entidades camarárias, sr. director, aqui lhe venho trazer o meu protesto. Lisboa está a ficar pálida, esquelética, cor de fome, como se o racionamento fosse tão apertado que não desse para outra fisionomia!

Já repararam as entidades camarárias que todas as casas estão a ser pintadas de amarelo? Que é isto? Que loucura teria dado aos senhorios, para que mandem pintar todas as fachadas de amarelo? Seria um protesto contra a fome por não os deixarem «comer» quanto quiserem, nas rendas de casa, ou seria uma questão de fobia contra as raças orientais?

Para onde foram os tons de rosa pálido, verde claro, cinza, azul esmaecido — todas essas cores delicadas agora permitidas e que pouco a pouco iam transformando a nossa capital numa linda aguarela? Vista de longe, a cidade, em certos bairros, parece um amontoado de caixas amarelas, lembra uma menina tuberculosa sem pintura. Por que não hão-de pintar-se as casas de outras cores? Por que não impedir-se tantos senhorios de pintar as casas de amarelo?

A bem de Lisboa e da estética cidadina — UM LISBOETA DE UMA ILUSTRE CASA DO BAIRRO ALTO.

Tenho lido com atenção todas as reclamações que «Vida Mundial

Ilustrada» vem fazendo a propósito da presença de crianças nos espectáculos nocturnos, a partir de uma certa hora. Pois, eu estou de acôrdo com a opinião dos senhores, e venho trazer-lhes noticia de um facto que se passou na minha presença. Há dias — numa noite destas — eu assistia à representação de uma peça no Parq. se Mayer. A meu lado, estava uma rapariga nova, com uma criança ao colo. Devia ter os seus dois anos. Ao principio da sessão, a criança palrou, riu, interrompeu a atenção dos espectadores. Depois, adormeceu ao colo da mãe. Mas, de repente, como esta estivesse naturalmente fatigada, passou o menino para o colo do pai. A criança, porém, acordou e começou a chorar. Ouviram-se alguns «psius» irritados, nas filas próximas toda a gente tinha os olhos na criança e nos pais que, a meio do acto, incomodando a fila toda, fazendo barulho e obrigando os outros a fazê-lo, lá saiu do teatro.

Pregunto: de que valeu àquêle casal gastar dinheiro? Não viram o espectáculo, aborreceram meio mundo e deram umas horas más ao seu filho, que ficou com o sono trocado. E como o caso se repete muitas vezes, a propósito de muitas outras coisas, a criança crescerá nesse desequilíbrio de horas e de sonos. Amanhã, será um homem irritável, uma pessoa de sensibilidade impossível de aturar. Não será tempo de remediar-mos esta falta de conhecimento dos papás portugueses?

JOAQUIM VALENTE — Calçada do Monte, à Graça, 17.

PEQUENOS ARTISTAS DESPREZADOS



CONHECEMO-LOS até demasiado. São os que fazem bonecos nas paredes exteriores das nossas casas, são os nossos filhos que nos dão cabo das paredes interiores da moradia. Têm um amor doido ao lápis de cor, ao papel, à tesoura e às tintas com que nas horas de ócio nos entretemos a passar para a tela algum quadro da natureza. Naturalmente que todos nós nos irritamos com a tendência dos nossos filhos, às vezes de consequências pesadas para as nossas bóias leves... E, entretanto, se êses pequenos artistas desprezados pudessem ser encaminhados, como êstes que aqui vemos, que de coisas maravilhosas poderiam oferecer à nossa sensibilidade!... Há três anos, salvo erro, realizou-se nas Belas Artes um certame de arte infantil.

Por que não havemos de repetir aquela excelente iniciativa, para que possamos apreciar o traço caricatural e a fantasia ilimitada dos ossos pequenos artistas desprezados?

# Cinco anos de guerra

Faz amanhã cinco anos que começou a guerra. O Reno, o Sarre, a Áustria, a Checoslováquia, Memel, Danzig e o corredor polaco são as etapas do caminho que levou a esse desfecho. Só a boa-fé de Neville Chamberlain teimara no seu imperturbável optimismo — enquanto pôde. Depois, quando tudo se revelou irremediavelmente perdido, Chamberlain comportou-se com a raiva do leão logrado e decidiu-se a fazer a guerra com o mesmo calor que pusera na defesa da paz.

Quando, em 1 de Setembro de 1939, o mundo tomou conhecimento de que as tropas alemãs tinham atravessado a fronteira oriental e que as esquadras aéreas do marechal Goering tinham começado o bombardeamento das cidades polacas, a impressão geral era de uma fadiga de nervos que aceitava o irremediável fechando os olhos a todas as consequências. Dias antes, a 21 de Agosto, a Rússia soviética e o Reich nacional-socialista tinham assinado em Moscovo um pacto de não agressão, ao mesmo tempo que se arrastavam, sem resultado, as negociações entre os dirigentes do Kremlin e a delegação militar franco-britânica — que regressou de Moscovo com as mãos a abanar. De resto, os polacos tinham definitivamente rejeitado todas as sugestões de Londres e Paris para a garantia ou o auxílio dos russos: «dêem-nos material — tanques e aviões; homens não queremos». A Alemanha estava livre da preocupação de uma sólida coligação do ocidente com o oriente da Europa — e podia decidir-se desde logo pelo episódio polaco.

## O episódio polaco

A campanha da Polónia cabe, efectivamente, a simples designação de episódio. Um país foi riscado do mapa, com os seus trinta e tal milhões de habitantes, mas a sua impreparação militar, principalmente a insuficiência dos meios técnicos de que dispunha permitiram ao colosso alemão sulcá-lo, desbaratá-lo e reduzi-lo à ocupação total. Começada a guerra germano-polaca no dia 1, a 17 os russos faziam, por seu turno, a penetração nas fronteiras orientais da Polónia, e os dois países signatários do pacto Ribbentrop-Molotov dividiam entre si o país, adoptando como demarcação, sensivelmente, a linha proposta, em 1919, por «lord» Curzon. A nova partilha tinha-se consumado. A Polónia, como tantas vezes lhe sucedera, ao longo da História, ia começar uma nova era de cativo.

Em que se ficou? Espectativa. Outubro passou-se sem episódios de grande espectáculo. Em 30 de Novembro, a Rússia invadiu a Finlândia, para uma campanha de cem dias que deu ao império moscovita as fronteiras estratégicas que lhe pareciam convenientes.

As ofertas de Hitler, após a campanha na Polónia, para um arranjo a oeste — na sua opinião, liquidada a Polónia, a guerra perdera a sua razão de ser — não encontraram eco do lado ocidental. O estado de guerra permaneceu latente.



gica. A 15 de Maio, a Holanda capitula e a rainha Guilhermina refugia-se em Londres. A batalha corre mal, opera-se a rotura da frente e o grupo de exércitos do norte é encoivado. Gamelin é substituído por Weygand. A 28, o exército beiga depõe armas e o rei Leopoldo constituiu-se prisioneiro. A situação agrava-se. Na Inglaterra, Churchill substitui Chamberlain — e isto é um sinal de decisão: pelo menos, os ingleses assim o entendem. Mas a batalha de Flandres está perdida e, a 1 de Junho, considera-se concluída a dramática retirada de Dunkerque. Os alemães voltam-se de novo para o sul e continuam a investir a França. A 10 de Junho, a Itália entra na guerra e, nesse mesmo dia, os Aliados abandonam Narvick e concluem-se a campanha da Noruega. A 14, capitulação de Paris! A 16, Pétain toma conta do poder em substituição de Paul Reynaud. No dia seguinte, por intermédio da Espanha, segue para Berlim o pedido de armistício. As negociações arrastam-se dolorosamente, sem que a batalha se interrompa. Só a 25 o armistício entra em vigor. Cessam as hostilidades. A França depõe armas. De Londres, o general De Gaulle proclama o propósito da resistência.

## A campanha a ocidente

Os meses passaram-se com impressionante inactividade nas frentes terrestres. Guerra no mar, missões de reconhecimento e contactos de vária índole com os neutros. Alemães e franceses esperavam-se das torres das suas linhas fortificadas; a Maginot e a Siegfried. Ia ficar-se assim pelos séculos fora? A Primavera de 1940 mostrou novos preparativos. A península da Escandinávia estava em jogo. Quando os ingleses se preparavam para minar as águas da Noruega, os alemães empreendem uma expedição rápida, ocupam a Dinamarca, desembarcam na Noruega e a campanha, em que o factor surpresa jogou ainda a influência decisiva, desenvolve-se manifestamente a favor dos alemães. Franceses e ingleses levam socorros e conseguem estabelecer-se em Narvick, mas tem-se a percepção de que a sua inferioridade acabará por evidenciar-se. O rei da Noruega e o seu governo exilam-se em Londres. O rei da Dinamarca fica no seu país, como prisioneiro com honra. A campanha da Noruega prolonga-se até 10 de Junho — enquanto a frente do Reno permanecera em expectativa ou sem ameaça séria.

## O «blitz» em França

A 10 de Maio, invasão da Holanda, da Bélgica e do Luxemburgo. Está a funcionar a frente ocidental! Forças franco-britânicas acodem à Béli-

## A Grã-Bretanha sôzinha

O termo da campanha da França deixa a Inglaterra sôzinha em frente da Alemanha e da Itália: «Somos o único campeão de pé!» — proclama Churchill. Que vai passar-se? Enquanto se entra em novo período de interrogações e se ensaiam os primeiros grandes bombardeamentos aéreos, a periferia da Europa sofre novos abalos. Os países bálticos são politicamente transformados e colocados sob a influência russa. A Roménia — que é o ponto de apoio no leste europeu que resta à Inglaterra — tem que ceder à pressão russa e alemã: perde para a Rússia as províncias da Bessarábia e da Bukovina, perde para a Hungria a Transilvânia. Em Setembro, o rei Carol abdica, a Roménia opera a sua adaptação às conveniências políticas de ocasião e passa a girar na órbita do Eixo. A aliança germano-italo-japonesa é anunciada sob a designação de «pacto de aço». Em Novembro, após a arbitragem de Viena (Ciano-Ribbentrop), a Hungria, a Roménia e a Eslováquia aderem formalmente ao pacto do Eixo.

Se a actividade diplomática é intensa, no domínio militar os beligerantes procuram onde se encontrar: a campanha de África começou, evacuando os ingleses, em Agosto, a sua Somália; em Outubro, depois de dois encontros — Hitler-Mussolini, a Itália lança o ultimato à Grécia e abre-se a campanha balcânica; no ar, trava-se o que, só hoje, se chama a batalha de Inglaterra, em que a R. A. F. pôde fazer frente à aviação alemã. Só algum tempo depois se verificou que fora afastada a ameaça de invasão da Inglaterra.

## A guerra no Mediterrâneo

O ano de 1940 não acaba sem dois acontecimentos políticos de grande retumbância: nos Estados Unidos, Roosevelt é reeleito para um terceiro período presidencial, o que é o mais evidente golpe na corrente isolacionista; em França, o regime de Vichy sofre uma inesperada transformação — o eclipse de Laval, substituído por Darlan.

A passagem do ano dá os italianos a braços com a resistência dos gregos, que chegam a contra-atacar e a penetrar em território albanês, donde partiu a invasão dos exércitos de

Chamberlain não se recusara a todos os encontros com Hitler, em sucessivas tentativas para prolongar uma paz que cada vez se mostrava mais indecisa.

Mussolini. As pressões que se exercem na Jugoslávia sucedem-se o golpe de Estado Simovitch, favorável à Inglaterra — quando já a Rússia sentia que tinha passado o período de vigência do pacto de Moscovo. Em Novembro, Molotov fôra a Berlim, mas a visita ficara sem consequências. A situação agrava-se. Na Inglaterra, Churchill substitui Chamberlain — e isto é um sinal de decisão: pelo menos, os ingleses assim o entendem. Mas a batalha de Flandres está perdida e, a 1 de Junho, considera-se concluída a dramática retirada de Dunkerque. Os alemães voltam-se de novo para o sul e continuam a investir a França. A 10 de Junho, a Itália entra na guerra e, nesse mesmo dia, os Aliados abandonam Narvick e concluem-se a campanha da Noruega. A 14, capitulação de Paris! A 16, Pétain toma conta do poder em substituição de Paul Reynaud. No dia seguinte, por intermédio da Espanha, segue para Berlim o pedido de armistício. As negociações arrastam-se dolorosamente, sem que a batalha se interrompa. Só a 25 o armistício entra em vigor. Cessam as hostilidades. A França depõe armas. De Londres, o general De Gaulle proclama o propósito da resistência.

Os acontecimentos tinham feito compreender que o pacto germano-russo fôra uma simples conveniência de ocasião. Os dois países, agora praticamente vizinhos, através do continente inteiro, do Mar Branco ao Mar Negro, estavam frente a frente, cada um com a sua reserva de propósitos. A 22 de Junho de 1941, Ribbentrop convoca especialmente os jornalistas estrangeiros para lhes comunicar que as tropas alemãs tinham entrado na Rússia: campanha preventiva, explicava, para se anticipar aos preparativos soviéticos. O «blitz» começou por ataques em massa aos aeródromos, a pôr fora de acção a primeira linha da aviação russa. As tropas alemãs fazem uma penetração rápida ao longo de toda a frente. Em Agosto, a Bessarábia, a Bukovina, os países bálticos e a parte da Polónia que lhes coubera na partilha do ano anterior estão perdidas pelos russos. Anuncia-se o cerco a Leninegrado. Smolensko acusa um grau de resistência inesperada. Em Setembro e Outubro, esboça-se, ao largo, o cerco a Moscovo. A aproximação do inverno atenua a importância dos combates nas frentes do norte e do centro, mas a frente sul continua activa e desenha-se a ameaça no Cáucaso. A Crimeia é ultrapassada. Taganrog e Rostov, no mar de Azov, são tomadas. Mas a campanha da Rússia fazia evocar Napoleão. Com razão ou sem ela, não havia leigo que não citasse o «General Inverno». Efectivamente, o mês de Dezembro viu os alemães parados, a contra-ofensiva na frente central, que aliviou Moscovo com a reconquista de Mojaisk, e na frente sul, ao longo da costa, que levou à reconquista de Rostov.

## A invasão da Rússia

O domínio dos mares

O desenvolvimento da campanha de África levava a Inglaterra a fortalecer a esquadra do Mediterrâneo, em prejuízo da do Atlântico. Mas era preciso trazer para as frentes de batalha a produção americana. A batalha da produção só podia ser ganha simultaneamente com a batalha dos transportes. A campanha submarina estava no auge — e os corsários de superfície faziam-se sentir também. A aviação de reconhecimento assinalou que o «Bismark» tinha saído também da sua base. A esquadra inglesa, posta em acção, consegue localizar o grande couraçado alemão, que seguiu acompanhado pelo «Prinz Eugène». O primeiro contacto é fatal para os ingleses. Por um golpe formidável — pericia e «chance» — o famoso «Hood» é atingido na altura dos palcos e vai pelos ares. Dos seus 1.500 tripulantes salvam-se três! Foi a 24 de Maio. O leão, ferido, enfurece-se. Todo o aparelho naval britânico é pôsto a funcionar, numa verdadeira operação de caça, ao longo de toda a costa europeia. A 27, Churchill interrom-

## O domínio dos mares

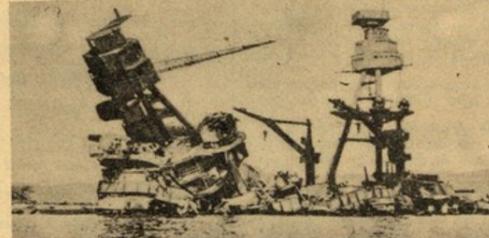
O arauto do Império

As grandes batalhas navais dos mares de Coral e Midway páram os japoneses, que sofrem perdas enormes e não podem, de momento, reorganizar e proteger expedições para novos desembarques e reabastecer os remotos territórios por onde já se haviam expandido. O comando do sudoeste do Pacífico tinha sido anunciado e Mac Arthur fôra incumbido dessa rude tarefa. A guerra sofrera nova paragem.

O marechal Smuts, relíquia do Império britânico — que já em 1914-18 fizera parte do gabinete de guerra imperial — chega a Londres e pronuncia nos Comuns o seu histórico discurso anunciando que as Nações



Dos sucessivos encontros entre os principais dirigentes das Nações Unidas saíram os planos para a estreita cooperação que levou à ofensiva coordenada.



No ataque a Pearl Harbour, inesperado e que tão sérias consequências teve para as Nações Unidas, o couraçado americano «Arizona» ficou neste estado, depois do ataque da aviação japonesa

Unidas iam passar à ofensiva: os americanos e australianos voltam às ilhas de Salomão, desembarcando e mantendo-se em Guadalcanar (6 de Agosto); arrancada de Montgomery em Alamein, depois de os exércitos do Eixo, já com a participação do «Afrika Korps», terem cegado à vista de Alexandria (Outubro); desembarque da grande expedição anglo-americana na África francesa (9 de Novembro); ofensiva russa (Dezembro).

Entretanto, os ingleses tinham «tateado» as defesas alemãs a ocidente (operações de «comandos» a Dieppe, Boulogne e St. Nazaire); e as forças aéreas aliadas tinham começado a sua ofensiva sobre a «fortaleza europeia». O grande «raid» a Colónia fizera uma data: 30 de Maio.

A guerra transformara-se. A «segunda frente» era uma ameaça de que se começava a falar.

## Pearl Harbour

A guerra tinha alastrado de continente para continente: da Europa à África; com a invasão da Rússia, chegara às portas da Ásia. O Irao sofrera também a sua tormenta. O Atlântico, o Mediterrâneo, o Índico, eram zonas de guerra. O Pacífico era só questão de despique, a que os Estados Unidos e o Japão se entregaram durante alguns meses. Em 7 de Dezembro, o Japão, sem declaração de guerra, desferiu o golpe contra Pearl Harbour. Quando os americanos, mal refeitos da surpresa, procuram abrir os olhos para ver o que se tinha passado, uma boa parte da sua esquadra de batalha estava no fundo! A Grã-Bretanha declara guerra ao Japão. Mas começa sob os mais dramáticos auspícios: a 9, quando procurava opor-se a desembarques nipónicos na península de Malaca, perde duas das suas melhores unidades navais, o «Prince of Wales», e o couraçado do último modelo, e o «Repulse», que fizera até esse momento toda a campanha a correr os mares sem necessidade de disparar um tiro: os couraçados tinham seguido sem protecção aérea, por não haver um porta-aviões disponível.

O ímpeto japonês é impressionante: 1941 acaba com o avanço nas Filipinas; em Janeiro, Mac Arthur, apesar de resistência heróica, tem que abandonar o arquipélago; as fortalezas britânicas de Hong-Kong e Singapura caem; em Março, os japoneses desembarcam e ocupam as riquíssimas ilhas holandesas; em Abril, conquistam a Birmânia, onde os Aliados tiveram que fazer afluir reforços para impedir a nova ameaça sobre os chineses; a Nova Guiné está invadida; a Austrália ameaçada.

## O arauto do Império

O marechal Smuts é a voz que se faz ouvir quando a Inglaterra tem alguma coisa de solene a dizer ao mundo.

Finalmente, nas praias francesas começou a desembarcar o gigantesco arsenal de forças que durante longos meses tinham sido preparadas pelo comando anglo-americano.



O marechal Smuts é a voz que se faz ouvir quando a Inglaterra tem alguma coisa de solene a dizer ao mundo.

## A segunda frente

1943 terminou com uma grave perda para a esquadra alemã: o couraçado «Scharnhorst». No Pacífico, a esquadra americana, sob o comando do almirante Nimitz, domina inteiramente a esquadra japonesa. 1944 manteve a ofensiva russa, que chegou às fronteiras dos países bálticos, à Polónia, à Eslováquia, à Hungria e à Roménia. Mas, enquanto os bombardeamentos aéreos sobre a Alemanha e regiões ocupadas assumiam proporções enormes, toda a gente continuava a perguntar se a «segunda frente» chegaria a ser uma realidade ou se ficaria como episódio da guerra de nervos.

A resposta chegou com o desembarque, em 6 de Junho, nas praias da Normandia. Em 15 de Agosto, novo desembarque em França, desta vez no sul. A campanha da França



Finalmente, nas praias francesas começou a desembarcar o gigantesco arsenal de forças que durante longos meses tinham sido preparadas pelo comando anglo-americano.



1940 — Na clareira de Rethondes, floresta de Compiègne, Hitler, seguido do marechal Goering e do grande almirante Roeder, sobe para o vagão histórico onde se assinou o armistício de 1918 e onde, agora, vai, por seu turno, ditar à França as condições alemãs.



De Gaulle, clarim da resistência francesa, cumprimentando, em Londres, o rei Jorge VI

tinha recommençado e, tendo deparado, de início, com vigorosa resistência, deu aso a que os Aliados, algum tempo depois, pusessem por sua vez em acção a tática da «guerra-relâmpago», com avanços fulminantes de colunas blindadas. A fogueira latente dos povos submetidos ouviu-se de novo crepitar. As forças francesas do interior colaboram abertamente com os anglo-americanos, enquanto a frente italiana se aproxima, também, da própria fronteira francesa. Começada na Europa, será na Europa também que a guerra poderá dar o sinal de tocar o seu termo? Os meses que faltam deste ano poderão dar a resposta.

J. R. S.

## Aprenda a barbear-se

**P**OIS, caros leitores, é absolutamente verdade. Antes da guerra fundou-se em Itália um instituto para que todos os interessados aprendam a barbear-se com segurança, método e perfeição.

Contra o que pode parecer, não se trata duma iniciativa sem importância. Dizem os peritos que poucos homens sabem barbear-se segundo as regras científicas. E é vulgar encontrar-se pessoas cujas faces parecem verdadeiras scaras de ultimass, tantos são os talhes e os cortes... Logo que o instituto — a «Universidade dos Barbeiros», como pomposamente se intitulou — começou a funcionar, a concorrência foi grande, imensa mesmo. Acorreram, não só jovens inexperientes mas também cavalheiros de barbas rijas e cerradas, daquelas barbas que metem respeito às próprias navalhas.

O curso divide-se em duas partes. Vamos resumir-las, afim de dar aos nossos leitores a possibilidade de aprender, pelo menos um pouco, essa arte complexa de fazer a barba.

Na parte teórica — a primeira — ensina-se desde logo que cada centímetro quadrado de coiro cabeludo contém, em média, uns cento e cinquenta cabelos, enquanto que o número de pêlos da barba em igual superfície da cara é dez vezes menor.

E ensinam-se, também, as principais normas de higiene, entre elas a de fazer a barba todos os dias, pois a falta de higiene, juntamente com talhes e feridas, pode provocar enfermidades de certa gravidade na pele, tais como o sarnes vulgaris, a sicosiss e outras.

Uma vez que o aluno esteja absolutamente sabedor da parte teórica, que encerra uma completa cultura geral acerca da barba, passa aos estudos práticos.

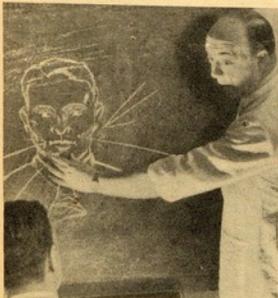
Os discípulos sentam-se ao redor duma grande mesa onde se encontram todos os instrumentos e acessórios do caso: navalhas, máquinas, cremes, pincéis, pomadas, espelhos, desinfectantes, etc. Então o mestre ensina praticamente o modo de usar cada coisa e a preferência que se deve dar aos vários instrumentos e acessórios, conforme os tipos de barba e a sensibilidade de cada aluno.

Os cursos são breves, e — como tôdas as descobertas — tem os seus segredos. Podem-se, porém, afirmar que ao fim de sete ou oito lições práticas, o aluno fica absolutamente apto a barbear-se, segundo todos os rigores da técnica.

Que acha, leitor? Não valerá a pena tentar? A título de informação, acrescentaremos que há já mais de 60.000 homens que se barbeiam, todos os dias, ensinados pela «Universidade dos Barbeiros»...



O mestre assiste ao exame prático dos finalistas



Assim se explica que a navalha não deve passar de qualquer maneira pela cara. O essencial é que a navalha corte, seguindo a direcção obliqua em que crescem os pêlos com respeito à pele.



Demonstração prática da inclinação que é preciso dar à «gilette».



Um espelho tripto é o mais cômodo e o mais aconselhável. Podemos ver-nos de frente e de lado, distinguindo facilmente o que estamos a fazer.

## Foi vendido um navio fantasma

**E**M Londres, acaba de ser vendido em leilão um barco... fantasma o «Zébrines», encontrado à deriva em 1917, ao largo de Cheburgo. A história do navio é curiosa. Foi visto numa manhã de Outubro de 1917 por um vapor de carga. A guerra submarina estava, então, no seu auge. Os dramas sucediam-se, a toda a hora, ao longo do canal e do mar do Norte. Ac avistá-lo, o capitão do vapor avisou um navio de guerra que vagava nas proximidades. Este foi-lhe no encaixo, mas com grande espanto dos oficiais britânicos, o «Zébrines» não tinha ninguém a bordo.

Contudo, no refectório, as mesas estavam postas como se a tripulação estivesse prestes a tornar uma refeição... Que foi feito dos seus tripulantes? Teriam sido aprisionados pelos alemães?

Depois da guerra, tentou-se esclarecer o mistério, mas sem resultado. Os alemães afirmaram que não conheciam nada que se relacionasse com o navio fantasma.

## PARIS DE SEMPRE

«Quando o Zuave lava os pés, há uma inundação» — esta legenda é popular em Paris. Hoje, como ontem, como amanhã, como sempre. A estátua do Zuave, em pedra, que está na ponte d'Alma, é o barómetro de água dos parisienses. Quando as águas do Sena sobem até lavar os pés do Zuave, existe perigo para as caves. Mas se as águas vão até aos joelhos, então o perigo é maior, pode alcançar o rés-do-chão. E, finalmente, se o Sena lava todo o Zuave, toda a cidade fica em perigo, em grande perigo. E isso sucedeu pela última vez em 1910. Mas o Zuave lá está, tão fiel como a tradição do povo francês.



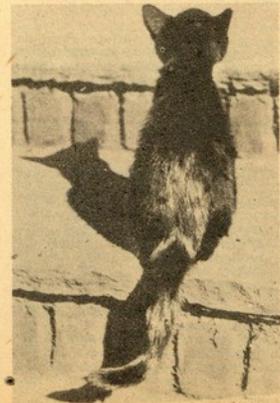
## Com o que se parecem as mulheres

**S**EGUNDO um inquérito sensacional levado a cabo pelo «Penn Punch Dawls», de Indianopolis, as mulheres parecem-se com:

- 1.º — Um livro que procura interessar-nos.
  - 2.º — Um automóvel que gasta muita gasolina.
  - 3.º — Um combóio que, às vezes, descarrila.
  - 4.º — Um programa de partido político que às vezes muda sem que a gente note a diferença.
  - 5.º — Um forno a que é preciso mudar, frequentemente, as portas.
  - 6.º — Uma espécie de mola de colchão que se ergue sempre.
  - 7.º — Um cachimbo que é preciso desentupir de tempos a tempos.
  - 8.º — Uma fogueira que é preciso espesvir e apagar.
  - 9.º — Uma poltrona em que \*nos sentamos com frequência.
  - 10.º — Um calo que faz doer muito mas ao qual nos habituamos.
- Que dizem as nossas leitoras a isto?

## Sua excelência, o gato, diverte-se

Este bichano foi apanhado em vários flagrantes da sua vida íntima. Ei-lo, despreocupado, alegre, à vontade, brincando como uma autêntica criança.





Qual será a palavra mais doce da língua portuguesa? Ora aqui estava um inquérito a fazer. Não hesitámos. E o inquérito aí vai ou, melhor, os resultados do inquérito aqui ficam — sem outra ordem que não seja a do acaso. Impossível foi ouvir todos os portugueses: ouvimos apenas a volta duma dúzia d'êles. Não foi tudo — mas foi alguma coisa.

— A palavra mais doce da língua portuguesa? — a si próprio se interroga Ramada Curto.

E êle próprio responde instantes depois:

— Açúcar!



A saída do Trindade, António Lopes Ribeiro, vestido de claro, panamá alegre atirado em ar boémio, exclama quando lhe pomos o problema:

— A mais doce de todas as palavras é esta: Êxito!



Gustavo de Mattos Sequeira, sempre atarefadíssimo, pensando ao mesmo tempo em mil e uma coisas, não hesita na resposta:

— Lisboa!

E logo acrescenta:

— Não conheço palavra mais doce...

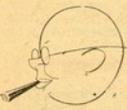


Robles Monteiro está à janela do seu monóculo, quando passamos, quando passamos. Mesmo da rua lhe dirigimos a pergunta:

— Amigo Bobles, qual é a palavra mais doce da língua portuguesa?

Logo êle, num gordo sorriso:

— Amélia!



Na rua do Ourô, a caminho do seu escritório, surge-nos Bustorff Silva, soprando um autêntico «Havano».

— Qual a palavra mais doce da nossa língua? — atiramos-lhe de cfojre.

— Nem se pergunta: Charuto!



No átrio da sua grande casa de espécúculos, Ricardo Covões «faz Avenida». Posto ao facto do que pretendíamos, a sua expressão anima-se, aflora-lhe um largo sorriso e responde:

— Colisen!



António Ferro — o dinamismo em pessoa, há muitos anos dirigindo a Propaganda Nacional com o seu savoir-faire — não hesita um momento:

— Na minha opinião, a palavra mais doce da língua portuguesa é esta: António!...



(Caricatura de Santana)

## DR. TRIGO DE NEGREIROS

UMA tarde, há talvez cinco ou seis anos, estava quem escreve estas linhas no gabinete dos secretários do então ministro da Justiça, quando uma porta se abriu e um sujeito novo, magro, esguio, vestido de azul escuro, um bigode pequenino e ousado ajlorando sob o nariz, entrou logo saúdado por todos os presentes:

— Senhor governador, senhor governador...

Não conhecíamos pessoalmente aquêl governador tão novo, com um bigode tão pequenino e tão ousado, mas não nos foi difícil verificar que se tratava do dr. Trigo de Negreiros — que desempenhava então o cargo de Governador Civil do Pôrto, para o qual transitara da Procuradoria da República. Pouco tempo depois daquela tarde em que o vimos pela primeira vez, o dr. Trigo de Negreiros surgia sub-secretário de Estado das Corporações — isto é, quasi ministro. Pois bem. Neste lugar se conserva desde há anos, sempre novo, sempre esguio, com o seu ousado e pequenino bigode, e infalivelmente alegre, tão comunicativo, que dir-se-ia esfolharem-se sobre êle, cada manhã, largas braçadas de rosas. Não conhecemos na intimidade a sua obra como Governô, ajustados como andamos da Arcada; mas, através do que dizem os jornais, essa obra está detabrochando em floridos resultados, — sobretudo em prol das classes trabalhadoras. E se assim é, temos de reconhecer que êste Trigo — está dando excelente pão...

## DESCANSO SEMANAL

«fim de semana» — o week-end, como dizem os ingleses — é um produto de origem britânica, à semelhança dos maples. Constitue uma homenagem, aliás justíssima, ao repouso. Um belo dia, começou a ser aristocrático em Londres deixar a cidade ao meio-dia de sábado e regressar na manhã de segunda, depois de quasi quarenta e oito horas passadas no campo, na serra ou junto do oceano. O costume pegou, estendeu-se a outras cidades, estendeu-se mesmo a outros países, e pode afirmar-se que o week-end, se não constitue ainda uma realidade em todo o mundo, o seu sistema tornou-se numa aspiração bastante universal. Quem trabalha uma semana inteira sob a atmosfera pesada dos escritórios e das oficinas sente, de facto, a necessidade fisiológica — digamos assim — não apenas de repousar o espirito ou o corpo, mas de respirar um ar mais vivo e mais puro. O «fim de semana» é, no fundo, um capitulo de hygiene social, que todos os Estados deviam impor aos seus subditos (pelo menos aos deprimidos e intoxicados) concedendo-lhes os meios para realizarem dois dias por semana uma cura de ares. Possível é que o mundo de amanhã nos ofereça a todos esta bela realidade. Ou mesmo que: trabalharmos ao sábado e ao domingo — e respirarmos à segunda, terça, quarta, quinta e sexta...

José Loureiro está no seu escritório-quartel general. Chegou de férias há meia dúzia de dias. Vem fresco, rosado, reluzente — riçoso como um loureiro que o sol primaveril inundasse.

— A palavra mais doce — diz-nos — a palavra mais doce, com franqueza não sei qual é... Só sei que a mais amarga é — Empresário!



Luiz Forjaz Trigueiros dirige-se para o Teatro Nacional a cujo Conselho de Leitura pertence desde criança.

— Qual a palalíngua portuguesa, senhor Luiz Forjaz Trigueiros? — inquirimos respeitosa-

mente.

O autor ilustre da Capital do Espírito procura esconder-se atrás dos seus óculos, sem se lembrar de que êles eram transparentes, mas, por fim, exclama:

— Crítica!



O caricaturista Manuel Santana está há um mês enfrasado em Colares. É numa das suas jangas a Lisboa que o topamos a sair da estação do Rossio. Quere dizer: foi apanhado com a bôca na boijia.

— A palavra mais doce... A palavra mais doce...

E o artista pensa, torna a pensar, pensa mais ainda. Finalmente resolve:

— «Massa»!



— Está lá? Está? Está lá? É do gabinete do sr. engenheiro Armando Ferreira? Ah! sim? Ó menina, então faça favor de me ligar para o gabinete do sr. Armando Ferreira... Estou aqui há mais de duas horas a ver se consigo ligação e nada... (Passam-se vinte e cinco minutos) Está lá? Está? É o Armando Ferreira? Sou eu, sou... Ó Armando Ferreira, qual é a palavra mais doce da língua portuguesa? E... E... É para um inquérito... Ah! é Telefone... Já esperávamos...



Norberto Lopes ergue os olhos da sua mesa de chefe da Redacção do Diário de Lisboa, olha para nós a princípio com ar imprevisto, depois medita alguns instantes e murmura:

— A palavra mais doce da língua portuguesa? Eu lhe digo: Bernstein!



## O problema da côr

**D**E ano para ano, Hollywood intensifica a produção de filmes coloridos. Quasi todas as companhias anunciam, para esta temporada, como grandes atrações, um número elevado de filmes fotografados pelo processo do stencicolor. Lenta, mas seguramente, os páldos fantasmas do preto e branco desaparecem da tela, para, em seu lugar, surgirem, na magia das côres, a que só por ironia se chamam «naturais», quadros animados que parecem ter saído das paletas dos mais famosos mestres.

Houve quem guerresse o advento do som. Há quem combata igualmente a invasão da côr. Mas cremos que a vitória desta há-de eclodir, inevitável e absoluta, tal como sucedeu com o seu predecessor.

Durante muito tempo afirmou-se que o cinema colorido ficaria confinado a certos gêneros de filmes, como por exemplo as comédias musicais ou os grandes espectáculos ao ar livre. Mas, a pouco e pouco, verificou-se que a imagem colorida reproduzia fielmente, e até valorizava, os ambientes de dramatismo intenso. Se algumas dúvidas pudessem restar, «E tudo o vento levou» tê-las-ia relegado para o rol das ilusões desfeitas...

E, assim, Hollywood vai estendendo, progressivamente, e a todas os gêneros, o encanto maravilhoso do stencicolor. E que os filmes ganham com tal processo fotográfico é um facto incontestável.

Sem pretendermos armar em profetas, acreditamos que, num futuro próximo, o cinema a preto e branco se tornará numa longínqua reminiscência. Os resultados obtidos são hoje satisfatórios — e falta apenas embaralhar o processo. Sob este aspecto, supomos que o «safacolor» representa um passo decisivo. Quando tal acontecer, o preto e branco terá os seus dias contados e a côr gritará o seu triunfo, na garridice das imagens, envoltas na policromia brilhante das mais ricas e sugestivas tonalidades.

A técnica do cinema tornar-se-á mais difícil, mais transcendente. A função do realizador complicar-se-á, com novas preocupações. Os filmes encarecerão, por força das exigências impostas pelo advento da côr.

O espectáculo da tela ganhará novos esplendores. Mas a indústria dos pequenos países conhecerá horas mais amargas e mais difíceis. E estas realidades, afinal tão próximas, são hoje motivo de graves e dolorosas preocupações para aqueles que buscam não se deixar surpreender pela marcha dos acontecimentos.

FERNANDO FRAGOSO

## MADELEINE CAROL EM ITÁLIA

**L**ISBOA viu-a nos primeiros tempos da guerra. O «Clippers» depô-la no Tejo, justamente no dia em que a Itália se envolveu oficialmente na contenda que havia de prolongar-se por tantos e tão dolorosos anos. Foi a mais linda mulher que pisou o cais de Cabo Ruivo. A sua passagem deixou um rasto de beleza. Três vezes a vimos chegar e a vimos partir. E sempre uma sombra de tristeza velava os seus olhos. A morte da irmã e a fuga do noivo para o norte de África, quando a França sucumbiu — foram outras tantas etapas do calvário que suportou. Veio a Lisboa a caminho de Londres, para levar Marguerite consigo e frustrá-la aos perigos que corria, na casa de Croydon, alvo favorito dos aviões alemães durante a batalha de Londres. Corajosa e serena, a irmã repudiou. Mal regressou a Hollywood, teve a notícia da sua morte.

Noiva do aviador Richard Rozier, enviou de Lisboa telegramas sobre telegramas a inquirir da sua presença, mal sabendo que ele conseguira chegar ao norte de África, na esperança de que o movimento de resistência já ali houvesse eclodido.

Lisboa, no roteiro sentimental de Madeleine Carroll, está marcada por muitas e dolorosas recordações.

Hoje, consagrada à missão de proporcionar distrações aos soldados, feridos em campanha, Madeleine, integrada na benemérita Cruz Vermelha, encontra-se em Itália. Vemo-la aqui rodeada de oficiais, entre os quais o general Nathan F. Twining, comandante do 15.º Corpo de Exército da Aviação Americana, no momento em que estes tomam conhecimento das animadoras notícias recebidas da frente.



## Revelações indiscretas

### Não era da MILÚ

### a voz que ouvimos em «Doze Luas de Mel»?



As estranhas profissões de Hollywood

## O PIANISTA ANÓNIMO

**E**NTE os homens e mulheres que emprestam ao cinema a sua colaboração anónima, há os grandes e os pequenos. Tão depressa pode ser uma jovem, cujas pernas modeladas aparecem, em determinada cena, como se fossem as da estrela, como um pianista famoso que executa sobre o teclado estranhas melodias, e cujas mãos, hábilmente enquadadas, passam por ser as do galã do filme.

Ainda há pouco, na produção «Uma voz na Tormenta», o célebre concertista Shura Cherkassy executou três solos que o público supõe serem executados por Francis Lederer, que personifica um pianista checoslovaco na fita em questão.

Cherkassy, que se afirmou como um dos melhores intérpretes mundiais de Chopin, executou em «Uma voz na tormenta» um «Nocturno» e um «Estudo» do grande compositor polaco, e bem assim «Moldau», versão para piano da peça de Smetana do mesmo nome.

O HOMEM QUE FABRICA O MAR

Lee Zavitz é um dos técnicos mais hábeis dos chamados efeitos especiais. Se é preciso chuva ou vento, naufrágios ou pragas de gafanhotos, basta apenas pôr-lhe o problema — e dar-lhe o tempo para resolver.

A sua mais recente descoberta é o efeito de «mar a distância». Sobre uma gigantesca fotografia de mar, aplicou, hábilmente, franjas metálicas. Quando estas se agitam, a luz, incidindo sobre elas, fê-las brilhar como o sol ou a luz reflectindo sobre águas em movimento.

Há nomes que parecem proféticos. Uma mulher que se chama Linda Darnell nunca poderia ser feita. Mas para não se desmentir a si própria, também não necessitava de ser bela a este extremo. Por isso, aqui damos uma sugestão, no sentido do nome da famosa vedeta ser actualizado. E assim propomos que ela passe a chamar-se: Lindíssima Darnell.

«Primer Plano», órgão oficial da cinematografia espanhola, no seu último número, e subordinada à rubrica «O que não vêem os espectadores», insere uma dupla página com curiosas revelações sobre o filme «Doze Luas de Mel», que vimos esta época em Lisboa, com Milú e António Casal nos protagonistas.

O jornalista — Tristan Yuste — entrevista diversas personalidades que colaboraram na obra, desde Ladislav Vajda, que a realizou, até Gerely, que foi o chefe da produção. E é este que faz curiosas afirmações, confirmando o rumor que há muito corria de que as falas de Milú em «Doze Luas de Mel» haviam sido totalmente «dobradas» por uma artista espanhola.

Reproduzimos a seguir o diálogo:

«O jornalista — E a Milú? Que me diz V. da Milú?

«Vajda — Digo-lhe que falando bastante mal o espanhol, aperfeçoou-o durante as filmagens, ao ponto de falá-lo tão bem que, muito embora em princípio se admitisse que as suas falas deveriam ser dobradas, houve quem propusesse deixar ficar a sua própria voz.

«O jornalista — Então a voz que ouvimos na película era a de Milú? — «Gerely — Não. Por fim houve que dobrar as falas, por causa do sotaque. E veja você, Tristan. Havia que fazer duas versões: uma espanhola e outra portuguesa. Mas os portugueses, ao ver o trabalho realizado em três semanas de filmagens, renunciaram a sua versão, motivo pelo qual a espanhola vem sendo dada em Portugal com legendas em castelhanos.

Dêste trecho da entrevista ressaltam, além da revelação sobre a dobragem da voz da Milú (excepto nas canções, as quais, aliás, foram filmadas na Companhia Portuguesa de Filmes, e não constam da versão espanhola), outra notícia curiosa:

«Os portugueses — ignoramos quem sejam — ou pelo receio de apresentar uma versão dobrada, ou por não se terem entusiasmado com o que viram ao fim de vinte dias de filmagens — e esta hipótese parece a mais correta — desistiram da versão portuguesa.

Quanto ao facto da versão espanhola estar sendo exibida entre nós com legendas em castelhanos, é manifesto lapsos do jornalista, que a revisão deixou escapar.

Não deixa de ser curioso notar que foi Milú quem emprestou a Graça Maria, no «Pôrto de Abrigo», o encanto da sua voz, na canção, bem bonita por sinal, que ela cantava no meio da estrada, quando vinha para férias. Agora, uma artista espanhola falou por ela, no seu primeiro filme internacional.





# “O DIAMANTE FAMOSO”

A literatura detectivesca, desde Canon Doyle e George Simenon, tem tido sempre as honras do «écran». Com efeito, não só as obras mais representativas do célebre pai de Sherlock Holmes têm sido adaptadas à tela, mas até ultimamente, e já depois da ocupação, os franceses descobriram, para tal, Simenon, o seu grande autor nacional das novelas de crime e mistério. De resto, os anglo-saxónicos sempre apreciaram altamente esse género de espectáculo, quer no teatro, quer no cinema, desde «20.000 Dóllars», a peça modelo que há duas décadas irradiou da Broadway para conquistar o mundo.

Por isso os produtores que têm o verdadeiro sentido do público não deixam de incluir na sua programação anual um ou outro filme desse sabor rocambolésco. E é assim que a *Warner Brothers* acaba de produzir, nos seus estúdios de Teddington, uma notável obra da espécie, «*O Diamante Famoso*», que o público de Lisboa vai ver no «Eden», esta semana.

História movimentada, nas melhores tradições do género, o relato do roubo do «*Peterville Diamond*» — «*O Diamante Famoso*» — possui todos os condimentos de atracção para o espectador de hoje, cada vez mais penetrado do desejo de evasão de tantas realidades confrangedoras... Aventura, amor, intriga, «excitamento» — tudo isso naqueles cenários tropicais, de palmeiras e noites luarentas, tanto do agrado dos modernos romancistas de ficção.

«*O Diamante Famoso*» é uma realização de *Walter Forde*, com 4 artistas de primeira plana — *Anne Crawford*, *Donald Stewart*, *Renee Houston* e *Oliver Wakefield* — sendo distribuído em Portugal pela Nova Organização dos Exclusivos Triunfo.





## Praia das Maças — a Praia Azul — portas abertas todo o ano aos banhistas!

**P**RAIA das Maças, Praia Azul, a mais linda, mais rica e saudável praia dos arredores de Lisboa — e-la, aqui está, representada nos seus mais amplos aspectos e nos contornos gerais do seu progresso. Pela sua situação privilegiada sobre o Atlântico, porque goza de um clima adorável e saudável, os médicos aconselham-na, para que os banhistas de todas as idades — as crianças principalmente — possam viver um clima excepcional entre pinheiros e o todo do mar.

De facto, podemos afirmar, baseados em conhecimento directo, nenhuma outra oferece, oito dias depois de uma estadia à beira-mar, as vantagens que a Praia das Maças dispensa às crianças que a visitam: aumento de peso, alegria, um ar de saúde e um apetite que andava arreio dos seus hábitos. Por isso mesmo, a Praia das Maças progride. Muitos banhistas, cativos da graça natural do lugar, ali mandaram construir ou adquiriram belas moradias espalhadas pelas proximidades do mar e na própria praia.

Todavia, a Praia das Maças, praia das crianças por excelência, não é só procurada para benefícios dos pequeninos. Não há quem não se prenda às suas belezas naturais, das mais lindas da paisagem portuguesa

e tão parecidas com o que de mais belo e expressivo existe na paisagem suíça. Por isso, também, os estrangeiros e a melhor sociedade portuguesa dão particular preferência à Praia Azul. Por isso, e porque ali encontram boa água, excelentes frutas, óptimos legumes e uma vida de aquisições fáceis — uma vantagem que adquire hoje o mais alto significado económico.

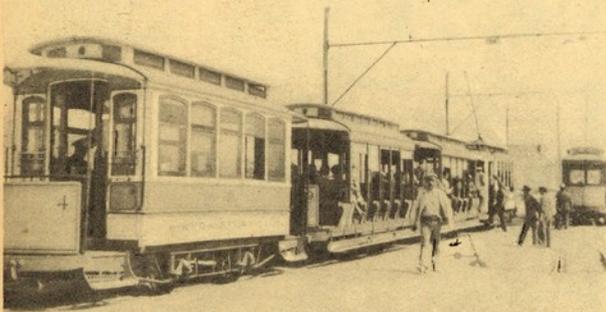
Além do mais, a Praia das Maças, já de si ponto de turismo, coloca muito ao alcance dos banhistas os mais lindos passeios do país: Sintra, Monserrate, Colares, Lagoa Azul, Praia Grande, Praia da Adraga, Azenhas do Mar... — toda uma enfiada de lugares célebres pela sua beleza.

Acrescente-se, a tudo isto, um excelente serviço de transportes, em auto-carros que fazem a ligação Lisboa-Praia das Maças, e em eléctricos que vão de Sintra à Praia Azul, cortando campos de sementeira, vinhas, pomares e pinhais — toda uma paisagem de eníveo e ternura. Este serviço de transportes deve-se à Companhia Sintra-Atlântico, superiormente dirigida pelo sr. Camilo Farinha — uma dedicação, uma energia e uma inteligência ao serviço do progresso da Praia das Maças. A seu lado, na defesa dos interesses e do progresso da Praia Azul, não devemos, porém, deixar de referir o

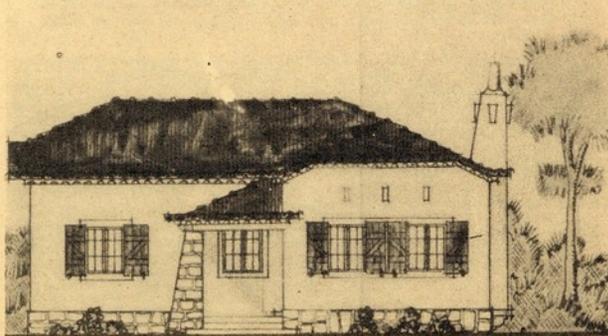
sr. dr. Assis Lopes, médico distinto naquela localidade, e o comerciante sr. Henrique Alves, outro amigo da Praia das Maças.

Prevendó-se que, dentro de pouco tempo, este centro balneario seja o grande ponto de turismo litorâneo, começou, ali, dentro de um inteligente plano de urbanização, a fazer-se a abertura de arruamentos, para a construção de lindas vivendas, cercadas de belos jardins, de excelentes estabelecimentos comerciais e de outros melhoramentos de larga projecção social, dentre os quais convém notar a construção de um novo bairro — o Bairro Nobre — devido à iniciativa da firma Peral, L.<sup>da</sup>, uma entidade que muito tem pugnado pelo desenvolvimento deste centro balnear.

Para finalizar estas notas, acrescentemos que há na Praia das Maças um serviço perfeito de hospedagem e fornecimento de refeições, a cargo da Pensão Royal e da Pensão Central. E porque a Praia Azul é um centro de turismo e goza todo o ano dos benefícios de um clima incomparável — todo o ano funciona a montagem dos seus serviços para bem receber o público. Eis uma informação de todos, e que virá responder a muitas interrogações: onde vou passar o inverno?



Chegada e saída da Estação da Praia das Maças para Sintra dos autocarros da Companhia Sintra-Atlântico. (Serviço permanente servindo as localidades de Colares, Colares, Moçim, Pinhal de Nazaré, Praia das Maças, Azenhas do Mar, e em ligação com os comboios e com as camionetas Lisboa-Sintra, tanto na chegada como na partida).  
Pertence à mesma Empresa o serviço regular de autocarros Lisboa-Sintra e Lisboa-Sintra-Prata das Maças-Azenhas, com partida na Rua da Glória. (Cinco carreiras diárias de ida e volta. Para informações e horários dirigirse aos escritórios da Sintra-Atlântico em Lisboa, Rua da Glória, 43 — Tel. 20267, ou Rua da Prata, 120-122 — Tel. 25359; em Sintra, junto da estação — Tel. 28).



Uma linda moradia em construção no Bairro Nobre, o melhor situado da Praia, com óptima vista para o Atlântico e Serra de Sintra. (Pedir informações à firma Peral, L.<sup>da</sup>, Rua da Prata, 198, 3.º-Dt.º, Lisboa, Telefone 28916, a qual se encarrega dos projectos e construção).

## Estabelecimentos recomendados da Praia das Maças

### Pensão Royal

Serviço de almoço, jantar e chá  
Amplio salão sobre o mar  
Vista magnífica  
ABERTA TODO O ANO  
Telef. 2 — Praia

### Pensão Central

Uma das melhores e a mais próxima  
da Praia e dos eléctricos  
ABERTA TODO O ANO  
Telefone: Praia das Maças, 33

Encontra na Praia das Maças um óptimo serviço de café com mariscos, cerveja, vinhos finos, champans, licores, carapinhadas, no **CAFÉ BAR TOJAL** (Junto da praia e da estação dos carros)

### Farmácia Higiénica

de  
**HENRIQUE ALVES**  
Especialidades farmacêuticas  
nacionais e estrangeiras  
Fundas em todos os sistemas  
Águas minerio-medicinaes  
Esterilizações e análises  
Perfumarias

### Drogaria Atlântico

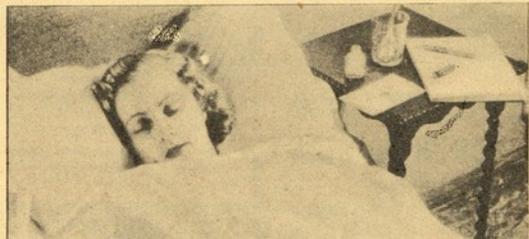
de  
**HENRIQUE ALVES**  
Drogas, Tintas, Perfumarias  
Artigos fotográficos  
Ferragens, ferramentas, etc.  
**PRAIA DAS MAÇAS**  
(Centro, perto da estação dos carros) — Telef. 21

## PROBLEMA N.º 14

### Crime ou suicídio?

**A**NTES de mais nada, um esclarecimento: imensas soluções dos problemas n.º 12 e n.º 13 foram rejeitadas porque tinham muito imperfeições. Eram confusas, não apresentavam as provas fundamentais, e faltava-lhes lógica nas deduções. E, pois, necessário haver cuidado para estes casos não se repetirem. A maneira que os problemas vão avançando, a selecção de valores revela-se mais rigorosa. Estes problemas não são simples «passatempos». Procuram obrigar o leitor a uma certa ginástica mental — para o que se tornam essenciais qualidades de observação, de raciocínio e de perspicácia.

Sem isso... nada feito! E, agora, podem enviar as vossas soluções deste problema n.º 14 até ao próximo dia 6 de Setembro.



**1** Enquanto o inspector Luckas examinava o cadáver de Janet Terence, o médico assistente dos esposos Terence informava-o: «Ela estava paralisada da cintura para baixo, há muito tempo. Além disso, sofria de insónias. Ontem deixei cá ficar um frasco com comprimidos de Veronal. Durante a noite, o marido da minha doente telefonou-me, angustiado. Mas ela morreu antes de eu chegar — devido a ter tomado uma dose excessiva de Veronals.»



**2** Sobre a mesa de cabeceira havia uma carta dirigida por Janet a sua irmã Marta, residente em África. O inspector viu o copo e a respectiva colher, uma caneta de tinta permanente, folhas de papel e o laço que servira para lacrar a carta. Depois, pesquisando o interior e as proximidades da cama, apenas conseguiu descobrir a tampa de metal do frasco do remédio.

Dick Terence, o viúvo, afirmou que ninguém tocara em coisa alguma antes da chegada das autoridades.



**3** De seguida, ele prestou as suas declarações: «Necessitei de fazer uns serviços lá fora. Deixei a minha mulher sózinha, escrevendo à irmã. Quando voltei, porém, encontrei-a já inconsciente. Chamei o médico à pressa, mas não a consegui salvar. Ela tomara uma grande dose de Veronal, segundo disse o doutor. Foi uma desgraça.»

Investigações realizadas no jardim da casa — cuja terra estava umedecida por chuvas recentes — provaram que ninguém entrara em casa durante a ausência de Dick Terence.

O inspector Luckas não pareceu muito surpreendido com tudo isso. Teria havido crime ou suicídio? Por quê?

(Leia a solução no próximo número)

## CORRESPONDÊNCIA

SÁLVIO JULIANO (Esmoriz) — O seu alívio já tem sido apresentado por vários leitores. De facto, estamos a pensar num grande Concurso. Quanto aos concursos de «stantos» problemas, com prémio ao vencedor — é um caso para estudar.

ISRAEL FERREIRA (Lisboa) — A sua solução ao problema n.º 12 peca pela falta de provas — sobretudo por se tratar dum solucionista portador da «camisola amarela». Foi pena ter falhado desta vez.

MANUEL DO CARMO PERES (Lisboa) — Com que entusiasmo estudamos? Concorra... e conte com a recomendaçãozinha!

SIMARA (Lisboa) e ARTUR VARATOJO (Lisboa) — Li as vossas considerações a respeito do problema n.º 11, com interesse. Mas que querem vocês? Tiveram a pouca sorte de lhes sair uns exemplares assim defeituosos. Nenhum outro concorrente se queixou... O melhor é ver bem a revista antes de a comprar.

DETECTIVE DE SAIAS (Braga) — Então já não pretende que os seus conterrâneos tentem descobrir a sua identidade? Por quê? Outra coisa: Zarathustra (Lisboa), deseja corresponder-se consigo por intermédio desta secção. Está de acordo?

M. S. A. (Coimbra) — Muito e muito obrigado pela sua oferta. Mas no caso de a aceitar, não ficará V. com vantagem sobre os outros?

NATÉRCIA PEREIRA LEITE (Lisboa) — Creia que não me enganei. Acima de tudo sou sincera, completa e severamente imparcial. Aliás, você é das minhas solucionistas «veteranas» e de maior valor e perspicácia.

X (Lisboa) — O seu alívio quanto ao prazo de entrega, é bem observado. Agradeço.

JORNALISTA AMADOR (Pórtu) — Recebo-o de braços abertos, meu querido colega. E conto consigo como um bom detective. Pelo menos por desporto.

ALTO RUI (Lisboa) — Que foi isso, desta vez? Tornou-se sintético na resolução do problema n.º 12. Aquilo era pouquíssimo. E as provas? Assim, a rapariga não vai com você ao «Espelho de Água»...

LOBO SOLITÁRIO (Lisboa) — Como já existe um *Lobo Solitário*, do Pórtu, passei o seu pseudónimo para *Solitário*. Acha bem?

REPÓRTER MISTÉRIO

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

Logo quando chegou, num rápido relance e depois num exame atento, o nosso «velho» Cobbe constatou que o «cenário» do armazém estava preparado.

De facto, na foto 2 vê-se Cobbe examinar a mão direita de Fred Gerard e encontrá-la crispada, tendo segura entre os dedos a chave do armazém.

Ora, na foto 1 observa-se que o cadáver, detaido de brucos, tem o revólver junto da mão direita.

E como — legenda da foto 3 — se verifica que nesse revólver falta uma bala — conclui-se, portanto, que um dos tiros ouvidos por Charley Nigel fora disparado pelo revólver de Gerard.

Mas o inspector Cobbe perguntou a si próprio como era isso possível: se Gerard segurava fortemente na chave com a mão direita não podia disparar o revólver senão com a esquerda. Porém, se ele tivesse disparado com a esquerda, a arma estaria decerto junto dessa mão.

Portanto, dentro deste raciocínio lógico, Cobbe deduziu que Charley Nigel mentira quando dissera ouvir dois tiros — pois que Gerard fora morto apenas com um e o outro partira da sua arma, mas não disparado por ele nessa altura.

Baseando-se em tal certeza, o resto foi fácil para o inspector.

Apertou Nigel com perguntas sobre perguntas até que o obrigou a confessar:

Ele matara o companheiro para poder roubar livremente as 1.500 libras. Depois, a fim de arranjar um alibi desfechou um tiro com a pistola de Gerard e colocou-a junto do cadáver, do lado direito, como se ele tivesse acabado de fazer fogo. Mas esqueceu-se de que a mão direita estava ainda segurando desesperadamente a chave do armazém...

Quanto aos cofres, Nigel fora abandoná-los em Long Acre, num automóvel de luxo, logo de manhãzinha. Mal sabia ele, porém, que o seu «crime perfeito» não escapava ao «faro» do «velho» Cobbe...

## Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 12

### MÉRITO ABSOLUTO:

- (8) A. F. da Costa e Castro (Pórtu).
- (3) Anita-João (Pego-do-Aitar).
- (3) Charlie Chambera (Lisboa).
- (1) Detective Renard (Lisboa).
- (1) Dols Cachimbos Fumegantes (Lisboa).
- (10) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (2) Manuel R. Morais (Lisboa).
- (7) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (11) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (3) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (5) O Lobo Solitário (Pórtu).
- (3) Pad-Zé (Lisboa).
- (9) Rapsag (Setúbal).
- (8) Repórter X... (Lisboa).
- (7) Teimoso n.º 1 (Loulé).

### MÉRITO RELATIVO:

- (8) A Curiosa Lili Mala (Figueira da Foz).
- (1) Adolfo Lima (Vila Nova de Famalicao).
- (8) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (6) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (9) Amador X (Lisboa).
- (2) António Alberto Paradelá (Amaral).
- (4) António Plisco da Silva (Lorvão).
- (7) Arturo Silvani (Lisboa).
- (8) Artur Varatojo (Lisboa).
- (5) Boaventura Martins (Crestuma — Carvalhos).
- (3) Carlos Idães (Lisboa).
- (8) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (6) Charli-e-Chan (Coimbra).
- (2) Desconhecido (Viseu).
- (8) Detective de Calças (Braga).
- (5) Detective Improvisado (Lisboa).
- (4) Ele e eu (Lisboa).
- (5) Fanasha (Coimbra).
- (10) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- (3) Fernando Piedade (Lisboa).
- (2) Flor Desconhecida (Lisboa).
- (2) G. Bramão de Miranda (Mem-Martins).
- (2) G-Man (Famallicao).
- (3) Helena Soares (Lisboa).
- (9) Henrique Fernandes (Estremoz).

- (2) Isabel de Azevedo Oliveira (Lisboa).
- (7) José Costa (Lisboa).
- (3) José Bálamo (Lisboa).
- (4) José Luis Ferreira Alves (Pórtu).
- (2) José Mário (Paredes).
- (1) João Pereira (Monte Estoril).
- (3) Joseph Fouché (Lisboa).
- (3) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (1) Leiria Dias (Lisboa).
- (4) Lyncoed (Lisboa).
- (5) M. (Algés).
- (1) M. L. N. (Luso).
- (1) Manuel Fernando de Melo (Fórnia).
- (6) Mário Claro da Silva (Pórtu).
- (1) Mário Duque (Lisboa).
- (3) Mário Martinho Pereira (Lisboa).
- (2) Máscara de Cobre (Moita).
- (1) Máscara Vermelha (Moita).
- (1) Mr. Smith (Algés).
- (8) M. S. A. (Coimbra).
- (4) Nick Carter Jr. (Lisboa).
- (1) O. Bragança (Lisboa).
- (3) O Cavaleiro da Triste Figura (Alhandra).
- (1) Octaviano (Pórtu).
- (2) Odaturuf-Khlo (Alvalázere).
- (9) O Falcão (Pórtu).
- (1) O Sifra (Faro).
- (2) O Vingador (Lisboa).
- (5) O Penedote (Lisboa).
- (1) Rasveta (Lisboa).
- (2) Rotciv Atiom (Moura).
- (6) Rómulo (Lisboa).
- (3) Rui Alberto Coimbra (Aveiro).
- (6) Sapex (Macerla — Liz).
- (8) Scharco (Alcobaça).
- (3) Simara (Lisboa).
- (1) Silvério Pereira Jones (Setúbal).
- (4) Solitário (Lisboa).
- (3) T. P. Mistério (Lisboa).
- (1) Uma garota enladrada (Algés).
- (11) Zírteba (Lisboa).

NOTA — Os solucionistas de Mérito Relativo apresentaram certas insuficiências de dedução, enquanto os de Mérito Absoluto foram mais completos.

(Os algarismos entre parêntesis indicam o número de problemas resolvidos desde o início desta secção).



## UMA VOZ DA RADIO QUE TODOS OS DIAS OUVIMOS

**E**STA é a locutora Natália Correia, que todas as noites ouvimos ao microfone de Rádio Clube Português, com o maior aprezimento.

Voz excelente, de timbre verdadeiramente radiofónico, — o que não é fácil encontrar — Natália é, além de correcta locutora, poetisa de delicada inspiração, tendo algumas das suas poesias sido lidas ao microfone, especialmente nos programas açoreanos, daquela estação, — pela razão simples, de Natália ser açoreana!...

Dotada da calma indispensável, ao Rádio, o seu à-vontade e sobriedade conjugam-se admiravelmente, e não será profecia vaticinar-lhe um largo futuro, na ciência das ondas hertzianas!...

## À ESCUTA

Mas, a par destas palavras amigas, recebemos, também, as costumeiras cartas anónimas, com ameaças e injúrias. São cartas de protesto enviadas por um ou outro pseudo-locutor, ou pseudo-artista, que, por ter sido, nesta secção, devidamente apontado, ousa encobrir-se com a capa do anonimato para ver se nos intimida.

Fiquem sabendo êsses senhores que por mais soezes que sejam as suas palavras, esta secção continuará aberta e sempre pronta, não só a louvar quem o merece, mas, também (o que não é costume dentro do nosso meio de compadrio) a dizer mal de todos aquêles que apenas por possuírem uma boca, se julgam com o direito de se colocar diante de um microfone, massacrando-nos os ouvidos com péssimas canções, péssimas locuções e péssimas recitações. Vivemos num país onde tudo é feito por amorismo, mas, bom Deus, já é tempo de mandar para casa certas nulidades que unicamente servem para rebaiçar os postos onde actuam e desvirtuar a verdade na missão da Rádio.



## “Vida Mundial Ilustrada”

vai ouvir os nossos postos amadores!

**N**INGUÉM pode contestar o valor dos chamados pequenos postos e, sobretudo, a preciosa colaboração que têm dado ao desenvolvimento da rádio no nosso país.

«Vida Mundial Ilustrada», que à causa da rádio tem dedicado, também, uma grande parcela do seu esforço, começará, a publicar, a partir do seu número do dia 14, uma série de entrevistas com os dirigentes das nossas estações, para que o público radiófilo fique fazendo uma idêa, mais aproximada, do que representam o esforço, o sacrifício e a dedicação dêsse punhado de rapazes e de raparigas, locutores, organizadores de programas, artistas, etc., etc., que, todos os dias, lhes dão, pelo ar, um bocadinho de si mesmos sem nada receberem em troca.

Colocando o público em contacto com os postos, dando-lhes a conhecer as suas dificuldades, os seus anseios, aquilo que precisam e aquilo que necessitam, resultará, estamos certos, uma mais íntima compreensão e colaboração que só virá a beneficiar a nossa Rádio.

Algumas das estações, com que estivemos em contacto, queixam-se da falta de novos colaboradores, rapazes e raparigas com idéias, que escrevam, que toquem, que cantem, que declamem. Porque não há-de esta aproximação fazer ressaltar novos valores, novos nomes para a nossa Rádio?

A primeira estação a ser ouvida será a Rádio Peninsular. As outras seguir-se-ão, depois. Atenção, portanto, ao nosso número do dia 14 de Setembro!

## UM CONCERTO COM NOVOS INSTRUMENTOS

**O** público de Nova-York assistiu, há poucos dias, a um concerto totalmente diferente dos habituais. A porta do «Museu de Arte Moderna», um grande cartaz, em letras vermelhas e amarelas anunciava: «Hoje — Primeiro concerto de percussão».

O público, que se habituara a ir ali para escutar Ravel, Debussy, Strawinsky e outros, admirava-se daquele nome estranho: *percussão*.

Felizmente, em Nova-York, mesmo em tempo de guerra, há público para tudo. Assim, as vastas salas do «Museu de Arte Moderna» conheceu uma das suas maiores enchentes.

No grande palco, havia as habituais estantes e um grande plano de cauda, além de cadeltras vazias que os músicos iriam ocupar. Os espectadores entreolhavam-se, surpreendidos. Onde estava, afinal, as apregoadas novidades?

A sua expectativa não durou muito tempo. Um «ah!» aberto e pasmado inundou a vasta sala. Que seria aquilo? Pois era possível!

Os músicos entravam — tudo gente nova — e traziam os instrumentos mais estranhos que até agora ainda se viram num palco de concerto. E-nos impossível descrevê-los ou mesmo dar-lhes um nome, porque nenhum dêles tem, ainda, nomenclatura própria. Talvez um dia se venham a chamar «stigelofones», «panelofones», «garrafafones», etc., etc. Mas, na verdade, os instrumentos são bem curiosos: gulsos, pannels, tachos, caçorolas, espécies estranhas de timbales, tambores com duplas e triplas ressonâncias, piassabas de pélo de arame, escóvas de dentes, blocos de ferro e de cobre, «gongs» e sabe-se lá o que mais.

O concerto começou — e o pasmo dos espectadores tornou-se ainda maior. Os músicos tocavam com as mãos e os pés, simultaneamente, mas — coisa estranha — os sons não eram harmoniosos (à maneira clássica, bem entendido), mas, todavia, conseguiam interpretar sentimentos.

Os espectadores, que, de início, haviam desatado a rir e a protestar,

## PROBLEMAS DA RÁDIO

**L**EMOS há tempos um interessantíssimo estudo, numa revista estrangeira, em que se abordava o aproveitamento futuro e útil das ondas ultra-curtas.

De facto, o desenvolvimento contemporâneo da rádio deve-se, sem dúvida, aos novos caminhos dos seus processos técnicos. As soluções têm variado, é certo, de acordo com as superfícies dos territórios, as situações geográficas e geológicas, a densidade das populações, e, enfim, com o próprio objectivo do «broadcasting».

Hoje em dia as empresas radiofónicas procuram conquistar uma maior liberdade no eter — bastante superpovoado já pelas exigências defensivas das nações, pelas necessidades de comunicações rápidas, etc. — e para isso utilizam da melhor maneira possível — da melhor e da mais eficaz — as ondas ainda disponíveis.

Inicialmente, foram postas em acção as ondas longas. De seguida, porém, adoptou-se o sistema das ondas médias. Nos últimos tempos assistimos, entretanto, ao triunfo incontestado das ondas curtas.

Qual o caminho futuro? Indiscutivelmente, deve ser o «rumo às ondas ultra-curtas», como o articulista estrangeiro escreve.

E o futuro nos revelará as inúmeras vantagens dos novos horizontes que a rádio ainda tem por desvendar...

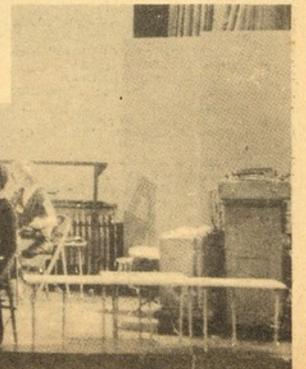
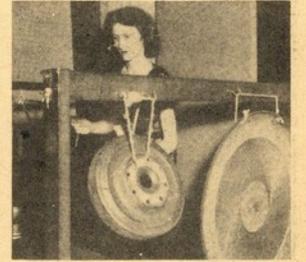
começaram a interessar-se por aquêles sons bizarros, e alguns, não muitos, chegaram a gostar.

Este concerto, que foi patrocinado pela Liga dos Compositores, teve por dirigente um homem ainda novo, John Coge, de trinta anos, e, ao que parece, grande humorista. Além de director da nova orquestra, John Coge é, também, compositor de música de repereção.

Deve-se notar, afinal, que este género de música que surpreendeu Nova-York, data dos tempos mais remotos, quando os selvagens começaram a educar esteticamente o seu ouvido, batendo sobre troncos, ócos.

John Coge não ficou triste pelo pouco êxito da sua iniciativa. Segundo declarou, tem confiança na sua música.

— «Quando compreenderem e sentirem — disse ele — descobrirão uma nova beleza na moderna vida quotidiana, que é originada por múltiplos sons resultantes do entrecrochar de vários objectos».



NOTAS

RÁPIDAS

Cais do Sodré — 1915

IV

**A**S tripulações dos navios alemães surtos no Tejo eram-nos familiares, a mim e ao Armando Portela. Mais a este saudável amigo, porque os entendia muito melhor do que eu, pois se dera ao trabalho de aprender teoricamente e com afinco a língua de Goethe. Ele falava-a com propriedade, eu, de ouvido, como tocava piano...

Antes de Portugal entrar no conflito, inúmeros navios mercantes alemães, alguns de grande tonelagem, estacionavam no nosso porto, fundeados ao largo, impossibilitados de se fazer ao mar onde a esquadra britânica os apresaria. As tripulações pouco tinham que fazer. Eram pagas pela Legação alemã e limitavam-se a vigiar a conservação do material e suas cargas. Ficavam-lhes muitas horas de ócio, que vinham gozar a terra.

O ponto de concentração desses homens, que a longa permanência transformara numa numerosa família, era o Royal e imediações. Alguns nunca mais saíam daquele bairro, empenhados em gastar a fêria em cerveja nesse café, no Londres, no Englis-Bar (hoje British Bar, salvo erro), no Café de France, à esquina do Largo do Corpo Santo e pelas vendas da Rua dos Remolares e Rua Nova do Carvalho.

Havia tripulantes que ali ficavam desde que desembarcavam, para, só à noite, já muito trôpegos, se encaminharem para o cais onde os aguardava o escutar que os reconduzia a bordo. Iam convencidos de que se tinham divertido muito, bebendo só à sua parte, duas ou três caixas de cervejas. Lembro-me de um mestre de bordo, a quem só faltava um ano para ser formado em Filosofia, que, mal desembarcava, corria a ocupar uma mesa na esplanada do Royal. Pediu adobriamente uma garrafa de cerveja, que saboreava devagar, estalando a língua com prazer.

Costumava encontrá-lo de manhã, pouco depois do desembarque, numa esplêndida disposição de espírito. Arranhava mal o português, por isso estimava a minha companhia e a do Portela, com quem podia dissecar no seu idioma. Sua conversa era amena, espiritual. Parecia muito comovido com o que ia pelo mundo. Evitava falar na guerra. Estimava palear de coisas simples. Enternecia-se com as crianças que passavam e, por meias palavras, deixava perceber vagarosa a dramática do tempo passado, algo que cravava um espinho profundo em sua alma. Mas disfarçava, como se se envergonhasse de expor a olhos estranhos alguma chaga que o envergonhasse.

Se depois de uma estirada hora de palestra o deixávamos, para de novo o encontramos ao começo da tarde, já toda a sua mesa estava coberta de garrafas vazias. O conteúdo engolira-o ele, copo após copo.

Ele não tinha entre os camaradas de bordo qualquer amigo íntimo. A sua cultura distancava dos outros. O próprio comandante não seria tão ilustrado como ele. Um pouco «tocados», não havia problema que não procurasse profundar, nem ideia por mais audaciosa que não o tivesse por paladino. Eu e o Portela escutávamo-lo durante horas. Certos raciocínios seus, por demasiado subtis, escapavam aos meus escassos conhecimentos de alemão. Era preciso o Portela explicar-nos. Eu quedava maravilhado. Aquêlê homem abria-me horizontes insuspeitados e deslumbradores.

Quando o abandonávamos, a meio da tarde, já ele ia colocando garrafas vazias no chão, à sua beira, porque a mesa não as podia comportar. A noite, havia junto dele três mesas de garrafas do largo consumo. O contramestre, quasi doutor em Filosofia, já não discorria, já não filosofava. Seus olhos aguados, inexpressivos, quasi não nos reconheciam, do lábios caia-lhe um fio de baba. Espasmo na cadeira, perante as mesas atulhadas de garrafas, teimava sempre em beber. O copo cheio de cerveja loura e espumosa tremia-lhe na mão, que com dificuldade afinava com o caminho da boca. Mas quando acertava com os lábios no rebordo do copo, bebia com ânsia, com sofreguidão, com raiva, com o desespero de quem se arremessa a um abismo.

Então, uns companheiros acercavam-se. Chamava-se o criado para a contagem das garrafas e ajuste de contas. As vezes, os companheiros tinham de sacar-lhe o dinheiro do bolso e pagar a despeza. Depois, levavam-no quasi em braços. Lá seguia, arrastando as pernas, que lembravam trapos, e murmurando palavras ininteligíveis. Freqüentadores do Royal que observavam a cena riam-se, muito divertidos. Eu sentia por ele uma grande piedade. Adivinhava que aquêlê homem tão culto, tão brilhante, quasi formado em Filosofia, fóra arremessado para a vida errante de marinheiro por qualquer tremendo desgosto. A guerra privava-o da vagabundagem dos mares e continentes. Havia dois anos que estava ali, no Tejo, e que periódicamente visitava o mesmo café, para beber as mesmas cervejas e regressar ao mesmo navio imobilizado. Nunca mais vi o contramestre. Mas a sua figura, o seu olhar melancólico nunca mais me esqueceram. Nunca mais!

MÁRIO DOMINGUES

Um livro dos drs. Luís de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos

Depois de se fechar a última página deste livro, no ar parece que ainda fica um piquinho delicioso de ironia. E volta-se a folheá-lo gostosamente, porque está bem escrito — com aquela cintilação que os leitores reconhecem nos dois dos nossos mais ilustres colaboradores — e porque o sabor de recordações de que está impregnado nos põe em presença de figuras e factos que o tempo não apagou mas agora revivem na pujança do seu espírito. De facto, «Memórias dos outros», o livro que os drs. Luís de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos escrevem é, além de nos deliciar e maravilhoso conteúdo histórico, uma agradável permanência de espírito.

Centenas de figuras desfilam neste

volume, não só para nos darem tópicos do seu saber das suas preferências e das suas idéias — mas, principalmente, para nos darem a sua graça, a sua crítica, o carácter anecdótico da sua vida pública ou privada. Assim se faz a história da vida portuguesa e dos seus homens nos últimos cinquenta anos — poderíamos dizer: Os autores, de resto, ao escreverem este livro que não tem outro idéntico entre nós, não circunscreveram as «Memórias dos Outros» à gente da política: o mundo de arte, o mundo das letras, o mundo da Lisboa galante dos últimos tempos têm aqui a sua história contada ricamente, em pequenas histórias de dez linhas, síntese de épocas e de homens.



No local onde se deu o trágico desastre que roubou a vida ao ministro das Obras Públicas, engenheiro Duarte Pacheco, e ao engenheiro Gomes de Amorim, foi agora inaugurada uma «memória» — singela homenagem ao nome e à acção de quem tanto trabalhou pelo progresso do país. Entre Vendas Novas e Montemor-o-Novo, esse padrão será um conselho e uma divisão.



O sr. ministro do Interior, dr. Mário Pais de Sousa, deu posse, ao seu gabinete, ao sr. dr. Roberto Vaz de Oliveira, do cargo de governador civil da Guarda. O sr. sub-secretário de Assistência Social, assim como outras altas individualidades da vida política e administrativa estiveram presentes ao acto, que foi um dos mais concorridos.



No Lusitânia Express chegaram a Lisboa mais onze crianças refugiadas da guerra. Vieram de Espanha e ficaram entre nós até ao fim da guerra, no centro de acolhimento, criado no Estoril pela American Joint Distribution Comitê e pela Cruz Vermelha Internacional.



A Companhia dos Combustíveis de Lisboa, por motivo de ter completado 50 anos de trabalho, foi homenageada a empresa Duiz Silva, que se pôs na foto, no momento em que o director daquela Companhia, sr. eng. Vasconcelos Porto, colocava no peito do homenageado a medalha de bons serviços.

# Stand da Feira Popular



— G L O B O —

DA

*Sociedade de Equipamentos Industriais, L<sup>da</sup>*

— AÇOS FINOS — MAQUINAS — FERRAMENTAS — MOTORES — ROLAMENTOS — ACESSÓRIOS —

Distribuidores gerais das afamadas máquinas de precisão «ROSEATE» construídas nas oficinas de Metal-Mecânicas de Rost & Janus, Succrs, pelos mais rigorosos processos de fabrico.

Telefone: 2917

Telegramas: «GLÔBO»



Rua Sá da Bandeira, 464-484  
(EDIF. GARANTIA)

PORTO — PORTUGAL



## Fala-se do hoquista Sanches

**C**HAMA-SE Júlio Duarte Sanches, e é natural de Lisboa, onde nasceu a 12 de Março de 1915.

A sua carreira desportiva começou em 1933, no Barreirense, alinhando na 3.ª categoria de futebol, subindo depois à Reserva, com escala breve pela 2.ª categoria. Depois, ingressou no Alhandra Sporting Clube e, mais tarde, vestiu a camisola verde-branca do Sporting Clube de Portugal. A convite do dr. Abrantes Mendes, Sanches deu um pulo ao extinto Carcavelinhos, actuando na 2.ª categoria, e fazendo uma «viagem» ao primeiro grupo a extremo direito.

No futebol, Sanches ficou-se por aqui.

No «hockey» em campo, defendeu sempre as cores do Hockey Clube de Portugal, tendo sido quatro vezes campeão de Lisboa em «Reservas». Obteve uma quarta classificação no Campeonato Bancário de Esgrima.

Também o «ping-pong», modernamente chamado «tennis de mesa», lhe mereceu atenção, conquistando um Campeonato de Lisboa de categoria principal, em 1940, vestindo a camisola verde do Sporting Clube de Portugal.

Todavia, é no «hockey» em patins que Júlio Sanches mais se tem evidenciado — exactamente porque a sua persistência, reflexo de dedicação à modalidade, tem sido maior.

Em três meses — foi em 1934 — aprendeu a patinar. Nesse ano visitou Lisboa um grupo francês, o Biarritz Hockey Club, e Sanches estreou-se, defrontando-o. Foi um começo auspicioso, nunca mais abandonando a primeira categoria.

Em 1936 foi convocado para os treinos da selecção nacional que foi a Estugarda. Mas só três anos depois foi seleccionado pela primeira vez para o jogo Lisboa-Trieste, que terminou empatado por 1-1.

Daf em diante Sanches continuou a ser seleccionado para os jogos com o Porto.

Foi três vezes campeão de Lisboa, duas pelo Sporting e outra pelo Futebol Benfica, e uma vez campeão nacional por aquele.

Até que... aparece o Benfica!...

Um convite do clube dos «encarnados» leva-o, em 1943, a defender o pavilhão rubro.

Entrou, como costuma dizer-se, com o pé direito, ganhando dois títulos: regional e nacional de patinação.

Sanches está a falar:

— Encontro-me satisfeitiíssimo no Benfica, onde a camaradagem é magnífica. Os grupos de «hockey» patinado estão a ser treinados pelo sr. Vitor Lemos, o que nos dá a garantia, a certeza mesmo, de que o Benfica regresso, muito breve, ao primeiro plano. Há gente nova, com imensa habilidade; entre todos, e sem desprimor para ninguém, cito os nomes dos atletas do Colégio Militar, Rui Soares, Palhoto e Miguéis.

— Você também foi convidado para treinador de uma agremiação...  
— Eu explico. Foi para a Escola do Exército, em 1939, e em tão boa hora que os rapazes foram campeões universitários. No ano seguinte, o Inspector Geral dos Desportos, sr. major Peixoto, convidou-me a treinar as equipas do Colégio Militar, que também venceram os campeonatos da Extremadura e de Portugal, organizados pela «Moçidade Portuguesa». Estou gratíssimo pela maneira como me distinguiram no Colégio Militar, especialmente ao sr. major Peixoto, um proficiantíssimo professor de ginástica e um grande técnico de atletismo. Não quero esquecer, igualmente, os nomes dos capitães Reverendo da Conceição e Domingues.

Insistimos:  
— O Sanches também foi treinador de um clube...

O habilidoso jogador confirma:

— De facto, há dois anos treinei o Hockey Clube de Sintra, mas só lá estive uma época devido aos meus afazeres profissionais não me permitirem dedicar a indispensável assiduidade.

— De todos os desportos que tem praticado, o «hockey» patinado é, evidentemente, o seu preferido?...

— Sim, juntamente com o hipismo.

— Que jogadores admira?

— Os irmãos Serpa, Álvaro Lopes, o sempre jovem Magalhães, e todos os meus companheiros de equipa.

— Qual o guarda-rédes mais difícil de bater?

— Rui Pedrosa, do Lisgás.

— Que pensa do «hockey» patinado português?

— Jogava-se mais há uns anos atrás. Havia mais técnica. Hoje, a energia e a força superam aquela.

— Como se deu o encontro entre um jogo de pau e pensa-se demasiadamente na caça ao homem!...

— Quanto aos árbitros?

Sanches sorri:  
— Problema muito sério. É necessário uniformizar critérios e acabar com a maneira pessoal de cada um...

— Conta manter-se em actividade durante muito tempo?...

— Resposta tranqüila e optimista:  
— Sim. Enquanto houver condições de trabalho e de desporto. É um belo tónico e um reconfortante imprescindível para quem tem de trabalhar e enfrentar as dificuldades da vida e da alma!...

## Senhor jornalista: Esperamo-lo no banquete!...

É hábito, desde que nos conhecemos, e parece que a usança já vem de longe, que para comemorar ou solenizar qualquer acto agradável ao espírito, e para o qual se convidam várias pessoas de simples intimidade ou de extrema cerimónia, se ofereça um banquete, atômico ou jantar, ou um não menos significativo «copo de água»...  
E um costume, afinal, dos nossos avós que, na perspectiva de um lauto ágape festivo, a dois meses de distância, já antegozavam o dia em que na mesa, coalhada de bons pitões, ocupariam o seu lugar. E toda a gente, desde a mais abastada à simples remediada, sentia prazer e felicidade em poder reunir em sua volta pessoas amigas, fazê-las compartilhar dum momento agradável ao espírito das aférides...  
Insistia-se para que se repetissem os pratos mais saborosos. Abolia-se a cerimónia, abriam-se as portas ao «vontade. Da relutância de alguns convivas, nasceu a célebre frase: «Não vá dizer lá para fora o que disse da outra vez: que passou fome!»...

Hoje, ainda se diz isso, sobretudo nos ambientes familiares. Só. Porque nos tempos de outrora, não havia desporto, nem consequentemente clubes desportivos a comemorar aniversários, vitórias em campeonatos e outros tantos pretextos, lógicos e justos, para confraternizações, que muito bem servem a vida interna das colectividades e se repercutem na propaganda externa, mercê da acção de umas figuras que, por via de regra, são sempre convidadas com palavras amabilíssimas, que confundem e sensibilizam!... Essas figuras, que são ao mesmo tempo os veículos condutores da desejada propaganda externa, chamam-se «jornalistas»...  
E verdade, jornalistas: esses homenzinhos que não faltam aos banquetes e «copos de água», aos brindes arengam uns quantos minutos de discursata e, depois, nos seus periódicos, dizem mais umas coisas (quando se não esquecem...), e pronto!...

«Os clubes ficam a dever um obrigado aos jornalistas, mas estes, se não existissem os clubes, teriam de escolher entre outra profissão e o suicídio.»

Este período que atrás fica, desde já declaro que não é da minha autoria, como de resto as aspas deixam perceber. E nem mais nem menos que o pensamento predominante nalgumas colectividades — uma minoria, felizmente, acientue-se.

Esse pensamento desdobra-se ainda nestes fragmentos de ouro: «O que os jornalistas querem é vir comer»; «São boas pessoas, mas agora foram os primeiros a censurar o clubes»; «na minha opinião, deixava de comer dar essa gente, que só vem dar despesa!»...

Para cada expressão há uma resposta: «Os jornalistas comem todos os dias em casa e não precisam dos clubes para satisfazer essa necessidade fisiológica»; «não obliteram a sua maneira de ver e sentir, a sua idoneidade, pelo facto de terem sido convidados para receber umas quantas gentilezas»; «podem deixar de comparecer às cerimónias de gastronomia, que nem por isso deixarão de cumprir o seu dever».

Assim mesmo, sêcamente, até o dia em que os representantes dos jornais brithem pela ausência nalgum festim celebrativo de vitória em campeonato e se limitem a telefonar para saberem pormenores!...

A impressão de que — estranho paradoxo — se deve considerar incoerente ou importuna uma pessoa que se convidou, deve opor-se a tese de que, neste caso, o jornalista é um indivíduo que todos os dias trabalha, come e vive, procura ser útil à sociedade, enquanto que, pelo contrário, alguns pobres de espírito, mentalidade em oitava baixa, não são úteis a ninguém; nem a si próprios (a validade faz-lhes pensar diferentemente), nem à sociedade, que é como quem diz: aos clubes, a cujos primeiros lugares se alcandoraram mercê de um golpe de vento.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

## Gostaria de assistir a um espectáculo destes?



As mulheres, quando despem o casaco, são assim: doidadas, enérgicas e intemeratas, como no-lo demonstra esta fase de luta «pancrácios»!

Diga você, leitor, gostaria de assistir a um espectáculo destes?

mos saber de mais nada. O desporto português é ainda hoje, e fundamentalmente, obra exclusiva dos clubes. Do nosso, do Vitória, do Sporting, do Porto, de todos. Impedidos de cumprirem a sua missão é negar-lhes utilidades.

Finalmente:  
«Vamos a Setúbal não para receber os agradecimentos do Vitória, que nenhuns nos deve. Vamos, sim, confraternizar com os setubalenses a reforçar com eles um pacto de solidariedade que de ao nosso clube e ao Vitória a certeza duma comunhão

de idéias e duma indissolubilidade de sentimentos que seja garantia dum futuro ainda mais brilhante para as duas agremiações.

Estamos perfeitamente de acordo com a teoria de Rebelo da Silva, que reflecte o pensamento da família benfiquista.  
Porque, afinal, vem reforçar também, aquilo que pensamos venha a ser o «Dia do Benfica», a 5 de Outubro: «...um padrão, não só nas relações entre as duas colectividades, como também refulgirá benfiquicamente em quantos militam na Causa!».

## Estamos de acôrdo... Agradecer, não!

NO seu n.º 90, de 12 do corrente, o jornal do Sport Lisboa e Benfica publica um artigo de fundo, em que gentilmente transcreve, na íntegra, uma crónica inserta nesta página há três semanas, sob o título: «Setúbal vai agradecer ao Benfiqua».

Nessa artigo de resposta, em que distinguimos a boa prosa do nosso prezado camarada Carlos Rebelo da Silva, diverge-se do nosso ponto de vista. Mas a divergência, além de merecer a nossa inteira aprovação, é mais um título de nobreza a juntar a tantos outros, oriundos do popularríssimo clube.

...nem o Vitória pretende agradecer-nos a solidariedade que lhe protestámos há cerca de três meses, nem o Benfica se desloca a Setúbal para receber o agradecimento dos setubalenses. É tudo bem diferente. A

nossa manifestação de solidariedade ao Vitória de Setúbal não foi mero acidente de cortezia, simples gesto de delicadeza para com um velho camarada de luta. Não. Essa solidariedade assenta numa defesa de princípios que não só nos era imposta pelas gloriosas tradições do nosso clube, como constituiu a posseção de sentimentos ciuistas que se manifestou a favor do Vitória de Setúbal como se teria manifestado a favor de qualquer outra colectividade cujo passado a tornasse credora da nossa simpatia, do nosso apreço e da nossa admiração.

E mais adiante:  
«...Vimo-lo injustamente criticado, por culpas que só individualmente lhe podiam ser assacadas. Dum momento para o outro, a existência da popular colectividade ficou em perigo. Não vimos mais nada, não quis-



«Stand» das máquinas de costura HUSQVARNA, uma maravilha da indústria sueca.— Venda aos melhores preços e a prestações durante a Feira

V I S I T E M



«STAND» NESTLÉ  
O sucesso do produto refrigerante e nutritivo  
NESCAO

«STANDS» DA  
FEIRA POPULAR

OS  
M  
E  
L  
H  
O  
R  
E  
S

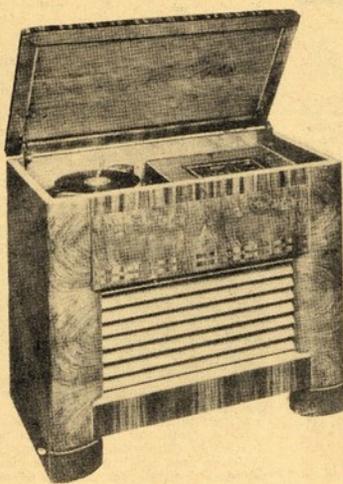


«STAND COURAÇA» a maior organização portuguesa de perfumarias, fabricante da conhecida PASTA COURAÇA.  
Neste «STAND», todas as noites, os visitantes da Feira são perfumados gratuitamente com os belos perfumes de criação COURAÇA.

## RADIO-GRAMOFONES

*A última maravilha*

### “His Master’s Voice”



Rádio-receptor para ondas médias e curtas com desdobramento de banda

Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos

O instrumento da mais alta classe



Peça uma demonstração nos:  
**Est. Valentim de Carvalho**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Corte às



usando o célebre

### CASULO Limpa-Fatos

produto deveras económico e eficiente, que suprime por completo o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e torna OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

Uma síntese maravilhosa de 6 substâncias químicas inofensivas que só custa 2850.

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER  
& ALMEIDA

Rua da Madalena,  
128, 2.º — LISBOA



A natureza, sem dívida, foi prodígio com V. Ex.ª de-lhe formosura, graça e elegância. Já que teve essa grande felicidade, deve conservar essas preciosas atrações, tanto quanto possível, ilimitadamente.  
— Grupos à ciência dermatológica, com facilidade o conseguem.  
— Especialistas franceses, como decreto não ignorar, trabalham dia e noite, na elaboração dos mais perfeitos produtos de beleza.  
L. T. Piver, de Paris, como não podia deixar de ser, occupava sempre de perto todos esses interessantes estudos laboratoriais.  
— A confirmá-lo para referência, entre tantos, está o formidável êxito dos seus produtos POMPEIA, fórmulas preciosas, obtidas a péso de ouro, e actualizadas perante os ensinamentos da ciência moderna.  
— O pó de arroz POMPEIA, finíssimo, impalpável, de delicado aroma, de renome mundial, é esse precisamente o que a vossa escolha beleza reclama e exige.

**L.T. PIVER**



## Um livro de Gino Saviotti sobre o teatro português

O teatro, os seus problemas, as suas múltiplas faces atraentes e condenáveis e um tema já de si paradoxal. Sobre ele, o dr. Gino Saviotti, há muitos anos residente em Portugal, e como muitos outros italianos, o excelente seiva entroncada no teatro português — escreveu agora um livro a que deu, precisamente, o título de «Paradoxo sobre o teatro». Porque o autor não quis dar-lhe outra feição, o livro tem o ar desprezencioso de um diálogo ameno, bem conduzido e bem pensado. Evidentemente, a crítica do excelente trabalho não cabe aqui, pelo que não podemos entrar em discussão muitos dos pontos expressos, mesmo naqueles em que porventura não pudessemos estar inteiramente de acordo. De qualquer modo, porém, há neste pequeno livro de Gino Saviotti um caloroso desassombro, um estudo que merece ser conhecido de quantos escrevem, lêem ou vêem teatro. Como escritor teatral, Gino Saviotti pôde já mostrar-nos que à condição de espectáculo, tão indispensável, de resto, é possível

aliar um alto sentido literário, como é esse que encerram algumas das suas pequenas peças já representadas entre nós.

E aqui, se buscarmos o equilíbrio literário e o equilíbrio teatral, estamos, decerto, com o autor de «Paradoxo sobre o Teatro»: «não bastam às obras idéias elevadas ou altas pretensões. A carpintaria do texto é tão indispensável para fugir à obra teatralmente inerte, que nos estamos fartos de ver uma Lela idéia ser desbaratada por um mau comediógrafo».

Com vistas aos dramaturgos romancistas cem por cento...

Mas, com vistas aos dramaturgos que são ou querem parecer panfletários e fazer do palco uma tribuna de idéias ou um lavadouro de roupa pouco limpa, Gino Saviotti lança também a sua admoestação sensata, quando cita a decadência do teatro francês, com a presença das lutas da Revolução Francesa sobre os palcos de Paris — porque o drama burguês — social, realista, intelectualista matou o verdadeiro teatro.

Gino Saviotti com este notável trabalho crítico, um verdadeiro ensaio objectivo sobre o teatro português, não nos atraiça a confiança que sentimos ao pegar no seu livro. Dá-nos, mesmo, a sua contribuição honesta e desmpeceirada para a solução de muitos problemas do nosso teatro. Oxalá todos a ouvissem e pudessem atender!...

## A crítica, os críticos e os criticados

**E**NTRE nós tem-se debatido muito a pergunta que não chega, claro, a encerrar um problema: devem os críticos ser autores teatrais? Onde se deve formar o gosto, o critério e o conhecimento dos críticos, para que as críticas resultem justas e os criticados delas aproveitem?

A crítica, ou o juízo das peças — melhor, dos espectáculos — estão sujeitos a várias contingências. Por isso onde uns deitam abaixo, os outros incensam. E isto acontece em relação às peças, à interpretação, à encenação — e à montagem, principalmente, porque os críticos, em geral, conhecem muito pouco de arranjos de casa e de stóilettes femininas ainda menos. Todavia, todos dão a sua opinião — as mais desencontradas, o que faz, naturalmente, com que os seus críticos se incomodem muito pouco com as críticas e insistam nos seus erros. Num plano puramente geral — pode dizer-se que, por isso, a crítica é muito pouco construtiva, embora, é claro, não se lhe possam atribuir propósitos ou resultados destrutivos.

A propósito de críticos teatrais, uma revista espanhola publicava, há tempos, uma curiosa série de entrevistas que faziam concluir: a maior parte da crítica em Espanha é feita por antigos actores — uns profissionais, outros amadores. Um só é ou foi autor teatral. Os outros — ao todo, treze — conhecem do tablado muitos dos cordelinhos de cena, de peças e de artistas.

Entre nós, é o contrário: um inquérito talvez nos levasse à conclusão de que são ou foram todos mais ou menos autores, congradados ou passados pela tangente. Enfim, ser autor não constituirá também uma maneira de apurar os conhecimentos técnicos do espectáculo?

Os empresários e os autores que não são críticos — que pena, assim sempre poderiam tirar a desforra — criticam os críticos que são autores. Mas, de que lado estará a razão? E qual será o melhor precedente crítico: o de autor ou de actor?

A verdade, porém, é que não há excepção o facto de entre nós os críticos serem ou terem sido autores: em França foi assim, e cremos que o teatro francês não perdeu nada por isso. Mas, o que realmente constitui excepção — pelo menos entre nós — é o facto de um autor se sentir de repente com propensões para crítico, como sucede com um jovem escritor teatral que recentemente principiou a fazer crítica num diário de Lisboa.

Geralmente, os críticos, a poder de fazer crítica, sentem a necessidade de ser criticados. No caso presente, dá-se o inverso: o criticado, a poder de ser, sentiu necessidade de fazer crítica.

Tem graça — mas não ofende ninguém, está claro...

## Cenografia e traços no teatro alemão

**V**IMOS defendendo, porque a hora é de reformas, se não quisermos assistir à decadência do teatro português, pela necessidade de criar unidade de espectáculo, com uma encenação e uma indumentária adequadas. Qualquer um, arvorado em director de companhia sente a extraordinária vocação de ser: mentor literário, encenador e ensaiador, «coutumier», caracterizador e tudo o mais que lhe seja preciso, porque, infelizmente, as companhias não dispõem, como outrora, desses elementos especializados.

Nunca, porém, a cenografia e os traços, entre nós, mereceram as honras de um mentor especial — e o que se faz é verdadeiramente atribulatório e produto de intuições dos nossos artistas.

Ainda há tempos, num teatro de primeira categoria, o público assistiu à representação de uma peça com acção em 1900 e picos, onde as per-

sonagens vinham da praia com colarinhos engomados e calça de presilhas...

Evidentemente, faltam-nos «mentores de cenografia e de traços, como acontece lá fora — por exemplo, em Viena, cuja Academia das Artes prepara equipas rapidamente absorvidas pela vida teatral da Austria. Quando teremos também as nossas equipas de técnicos especializados em indumentária e cenários? Hugo Manuel foi há pouco nomeado professor de cenotécnica do Conservatório. Esperemos pelos frutos do seu trabalho e, desde já, vamos convencendo as empresas de que nas suas companhias precisarão de incluir alguns dos alunos de Hugo Manuel...

Damos duas fotos da Academia das Artes de Viena: uma dá-nos uma aula de estudo de cenários e efeitos de luz, a outra uma lição do prof. Pirchner, para os seus alunos de cenografia e traços.



ESPECTADOR

## As três pancadas

«O MENINO QUIM»

Uma comédia de Jacques Deval é quasi sempre um prato saboroso para o público português. A questão está no espectáculo em que o oferece. Esta adaptação de Lopes Ribeiro está cheia de altos e baixos, com as virtudes do autor e os defeitos do adaptador.

\* Houve dois acontecimentos nesta estreia: o do aparecimento de Assis Facheco e o do Ribeiro — ambas reintegrados numa representação séria, sem deixar de ser risonha. Ambos, naturalmente, se ressentem ainda um pouco do mau estilo a que o mau público do Parque os obriga. Mas, com o tempo, ambos regressarão a uma comicidade sem exageros burlescos.

\* Lucília está tão bem, como só ela é capaz de ser e estar: humana, humaníssima, que é uma coisa que nem todas as nossas artistas sabem evidenciar no palco.

\* Hortense Luz e Sales Ribeiro têm dois riquíssimos apontamentos. Mas a Hortense não podia deixar de exagerar um bocadinho menos aquela «brincadeira» dos sapatos? Procurando bem, talvez encontre outros um pouquinho mais pequenos...

«HÁ FESTA NO COLÍSEU!»

Raras vezes Lisboa terá tido tão digno espectáculo duma capital e raras vezes Piero terá tido tanta matéria-prima a aproveitar no uso do seu excelente espírito de realização. Ele só, como realizador, fez o que os autores e os musicadores da revista não fizeram, pois não nos deram bons versos, nem boas músicas, nem boas rúbulas. «Há festa no Coliseu!» vale pelo bom gosto da montagem e excelente apresentação dos números. É, pois, acima de tudo, como certos filmes de Hollywood, um espectáculo visual, para o qual, como ensaiador, contribuiu Vasco Santana e os 50 «girls» de Piero — as mais bonitas, mais artistas e bem feitas de Lisboa...

\* Agora parece que está em moda não fazer grandes números para as vedetas. É tudo nivelado por um espírito de equipa — o socialismo em teatro, se quiserem... Por isso a Irene Isidro nos não agradou — principalmente no seu «Maratona». Em compensação, Corsetinha, Santos Carvalho, Alvaro Pereira e Barroso Lopes furtam-se de fazer um vistoso no quarteto e no número da «rádio chamada» — aliás sem graça original...

\* Para ponto final, falta felicitar António Macedo, que se soube doar de tão notáveis elementos. A crítica, que tem combatido o popularruncho, o grosseiro, aplicados ao teatro, não deve ser comezinha na distribuição de elogios.

«MADRE ALEGRIA»

Uma peça cor-de-risonha, risonha, optimista, bonita para famílias, que não gira à volta do amor e que dispõe bem o público em geral; uma tradução corrente e espirituosa, feita aqui por tradutores que não têm dez anos — não tinham levado para os palcos de comédia as grosserias e o calão que o público transigente consentiu; uma peça de boas intenções morais, mordaz às vezes como um espírito vicentino, colorida e amena — eis o que é esta «Madre Alegria», realmente apreciada agora no Nacional, em reposição.

\* Palmira Bastos, que tem o primeiro papel na peça, foi a ensaiadora e realizadora artística. Preferimo-la quando é alegre, perspicaz e terna. Para quê aquela entoação melodramática e os olhos em alvo? A humanidade e a sinceridade na interpretação ainda são o grande recurso de comunicabilidade moderna com o público.

\* Brunilde Júdice tem um magnífico apontamento — aliás, dois, num só papel — Samwell Diniz está quasi sempre muito bem no velho Nemésio, e Luz Veloso distingue-se num outro apontamento quasi de caricatura. Que equilíbrio e sobriedade de comicidade! Alves da Costa sem ter que fazer; Manuel Correia muito prejudicado por estar fora do seu lugar; Adelina, graciosa e intencional; Emília de Oliveira, Maria Reis e António Palma completaram o conjunto dos mais ou menos consagrados. O grupo gárrulo das raparigas conta com Maria Barroso — muito bem, gentil atrizinha! — que há-de ser uma primeira ingénua mas que tem de aprender a mexer as mãos e a não encolher os ombros. Meniche Lopes, também muito promissora, assim como a discipula Olivia Guerra. Outra valor que se afirma: Manuel Lerenó, que não foi ridiculo como na sua figura de poeta, apresentada há tempos.

\* Lugar aos novos! Todos gritam que é preciso renovar o quadro dos nossos artistas, trazer gente moça para as novas gerações. Por que razão, então, os senhores críticos se desfazem em elogios aos consagrados — e se limitam a apontar os nomes dos que começam? Por que os não criticam, por que os não ajudam, em lugar de se limitarem a ir buscar à prateleira as frases lugares-comuns: «contribuiu para o êxito do conjunto? Por que não dão de ser para eles as mais «sensatas» referências, as mais «conscienciosas» críticas?

\* A encenação foi pobre, dispare e de mau gosto. Quem é que admite aqueles fundos pintados, com as sombras das grades eternamente reflectidas na optiva? Vá lá, que a Mundial Filmes desta vez esqueceu-se do caminho que ia a trilhar...

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## Capítulo XXVI—Países ocupados—Polónia

### A SITUAÇÃO DA IGREJA

A situação da Igreja católica foi, no território do Governo Geral, menos crítica do que no resto do país. As igrejas continuaram abertas ao público e neias foi permitido o uso da língua polaca, ao contrário do que aconteceu no resto do território polaco. Mas a situação do clero não se revelou sensivelmente diferente daquela que se verificou em outras províncias sujeitas a um regime de ocupação total e de anexação pura e simples.

Quanto à situação económica no território do Governo Geral ela não deixou de se agravar com o decurso do tempo, em consequência das vicissitudes do conflito e das exigências crescentes da ocupação. A grande massa da população local, que já suportava as consequências das hostilidades no seu território, das separações de famílias, das deportações e do encerramento de escolas e oficinas viram a sua situação agravada pela desvalorização da moeda e pela alta dos preços, consequências inevitáveis do agravamento da economia local.

Aparentemente, o antigo sistema monetário permanecia imutável e o «zloty» continuava a ser a moeda nacional. Mas as autoridades de ocupação fundaram um Banco emissor, cujas emissões de papel eram unicamente garantidas pelas hipotecas dos bens imobiliários que não tinham qualquer espécie de cobertura ouro. Antes da guerra o «zloty» equivalia aproximadamente a cinco escudos da nossa moeda. Em Dezembro de 1942 a desvalorização da moeda polaca acentuou-se de tal maneira que os preços e os índices do custo de vida tinham subido de maneira incontrolável. A manteiga, que antes da guerra custava 3 «zloty», passara a custar 180; o toucinho subira de 2 para 160 «zloty»; o açúcar, de 1 para 90; o chá, de 26 para 1.000; o café, de 14 para 600; e na mesma proporção os preços dos principais géneros de consumo incluindo o leite e os ovos.

Teoricamente, os preços mantinham-se ao nível de antes da guerra, mas na prática a sua subida fora astronómica. Aquêl nível mantinha-se apenas em relação aos salários e aos preços das mercadorias directamente controladas pelas autoridades de ocupação. Mas os que viviam exclusivamente de salários ou rendimentos fixos foram as víti-

mas designadas duma crise que não deixou de se agravar durante todo o tempo da ocupação.

### OS AGRICULTORES E A SUA SORTE

Situação idêntica se criou para os que viviam da terra no Governo Geral, tanto os camponeses como os proprietários, grandes e pequenos. Estes eram obrigados a vender os seus produtos por preços excessivamente baixos que, de uma forma geral, se aproximavam do nível de antes da guerra. A produção agrícola passou a ser requisitada pelas autoridades de ocupação. Uma parte dela, em muitos casos a parte principal, era destinada à satisfação das necessidades da população do Reich. O excedente ficava reservado para satisfazer as necessidades da população local.

Depois de se iniciar a campanha de leste, esta situação apareceu sensivelmente agravada. O número de funcionários e de empregados de todas as categorias encarregados de assegurar a ocupação aumentou consideravelmente. Por outro lado, o Estado-Maior alemão viu-se obrigado a concentrar no interior da Polónia uma parte importante das reservas militares que deviam alimentar a guerra naquele teatro de operações. Foi assim necessário assegurar a alimentação de mais alguns centos de milhares de homens. A população local viu diminuídas as suas rações e teve cada vez maior dificuldade em as alcançar.

O mercado negro, apesar de todas as medidas restritivas e repressivas, floresceu rapidamente. As confiscações, e em alguns casos a prisão, eram a consequência inevitável do recurso ao mercado negro. Mas não faltava quem preferisse essas sanções, por mais draconianas que fossem, a uma situação alimentar intolerável. Para aumentar os seus rendimentos, muitos habitantes do Governo Geral resignavam-se a vender os seus bens para poderem fazer face ao agravamento da crise. O vestuário e o mobiliário passaram a ser objectos correntes de transacção em troca dos géneros essenciais à vida, obtidos no mercado negro.

Assim se precipitou o empobrecimento geral duma população cujas condições económicas nunca haviam sido brilhantes mas que, com os rigores e as dificuldades da ocupação,

passou a viver em circunstâncias afilivas.

### A SITUAÇÃO DAS CLASSES INTELECTUAIS

Com o aumento incontrolável do custo de vida a população teve que suportar o aumento de impostos, o que veio ainda agravar uma situação económica para todas as classes e especialmente para as classes trabalhadoras, resultante da fixação de salários e vencimentos ou de rendimentos. Em 1939, à data da declaração de guerra, o orçamento geral do Estado polaco elevava-se a dois bilhões e meio de «zloty». Em fins de 1942 só as despesas do Governo Geral tinham aumentado em relação àquela cifra de duzentos milhões de «zloty». Este aumento era naturalmente o contribuinte polaco que tinha de o pagar.

Mas se a situação económica se tornou excepcionalmente difícil para muitas classes da população polaca, para as classes intelectuais, privadas das suas funções, tornou-se verdadeiramente angustiosa. Os professores das escolas superiores e secundárias encerradas, os escritórios, os artistas de toda a espécie e os jornalistas, entre outros elementos da sociedade polaca, passaram a arrastar uma existência precária em que os meios de subsistência e a sua aquisição tinham passado a ser a sua preocupação quotidiana, uma vez que as tarefas do espírito tinham passado a constituir o encargo de outros.

Há que considerar ainda a situação dos habitantes da Polónia que viviam nas parcelas do território polaco anexadas por alemães e russos, depois exclusivamente por alemães (a partir de 22 de Junho de 1941), e que tiveram de abandonar os seus lares e as suas propriedades ou passaram simplesmente à condição de detidos, sob qualquer pretexto, e a quem, por consequência, os respectivos bens eram confiscados. Isto entendia-se, especialmente, com os proprietários rurais e urbanos e com os industriais polacos, grandes e pequenos. Um número apreciável destes antigos proprietários passou a angariar os seus meios de subsistência no exercício de tarefas manuais que, na maior parte dos casos, não se harmonizavam com as suas situações anteriores. Outros ainda empregaram-se em pequenos comércio, os únicos que lhes eram tolerados, ou em serviços de terceiros: criados, correctores de hotéis, empregados de restaurantes, etc. O equilíbrio social do país sofreu assim um abalo profundo de que, por certo, se não recompará tão cedo.

### A SITUAÇÃO NOS CAMPOS

A situação nas regiões agrícolas da Polónia ocupada tem-se desenvolvido sob o signo da atitude paradoxal dos ocupantes. Estes, enquanto por um lado manifestam o propósito, que corresponde de resto às suas mais instantes necessidades, de manter o nível da produção agrícola e mesmo de o aumentarem, dadas as exigências crescentes da guerra, por

outro lado precisam atender à falta de potencial humano com que lutam, sendo, por isso, frequentemente levados a alterar a sua disposição inicial e a recrutarem, entre a população dos campos, operários para a indústria de armamentos e para o desempenho de outras funções, entre as quais as de auxiliares do serviço militar.

Esta dualidade de procedimentos resulta que a atitude das autoridades de ocupação, em relação às populações rurais, varia muito em função das regiões e da época em que a sua acção tem de se exercer. A região de Lublin, por exemplo, é daquelas onde a atitude das autoridades de ocupação tem sido mais benévola e menos rigorosa mesmo nas ocasiões difíceis para o prosseguimento da guerra por parte da Alemanha.

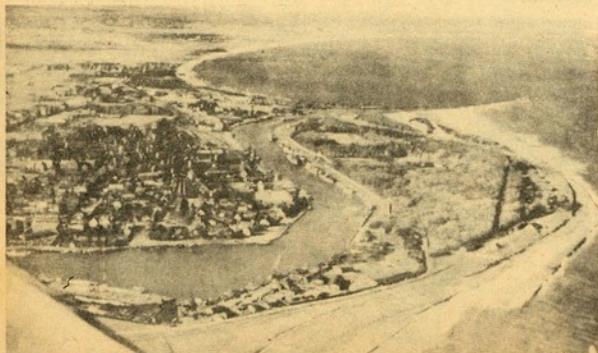
Mas em outras regiões o procedimento adoptado tem sido bastante diferente, e não raro se assiste ao espectáculo de ver enviar para o interior da Alemanha, a fim de trabalharem na indústria de armamento, operários agrícolas polacos e pequenos proprietários rurais. Para este fim as autoridades de ocupação alteraram o sistema tradicional de propriedade, procedendo à comunicação da pequena propriedade rural, único processo de verem diminuir o menos possível a sua capacidade de produção. Mas este procedimento reflecte-se, naturalmente, na estrutura social do país que, pela aplicação desse e doutros processos idênticos estranhos à sua tradição, deve sair desta guerra profundamente alterada. Em contrapartida, a grande propriedade rural foi mantida pelos ocupantes, dadas as facilidades de exploração que oferecia para a realização dos seus objectos imediatos. Estes métodos de acção tornaram bastante semelhantes nos seus resultados a ocupação alemã, no Governo Geral, e a ocupação soviética durante o período em que esta se exerceu nas províncias orientais da Polónia.

### A ATITUDE DA POPULAÇÃO POLACA

De todos os países do continente sujeitos ao regime de ocupação, quer antes quer depois do início das hostilidades (Austria, Checoslováquia, Polónia, Noruega, Dinamarca, França, Luxemburgo, Holanda, Bélgica, Yugoslávia, Grécia), a Polónia é o único onde não foi possível estabelecer nenhuma espécie de colaboração, oficial ou oficiosa, entre a população e as autoridades de ocupação. Esta circunstância é tanto mais de estranhar quanto é certo que o território da Polónia esteve ocupado durante dois anos por duas potências cujos métodos eram antagonistas.

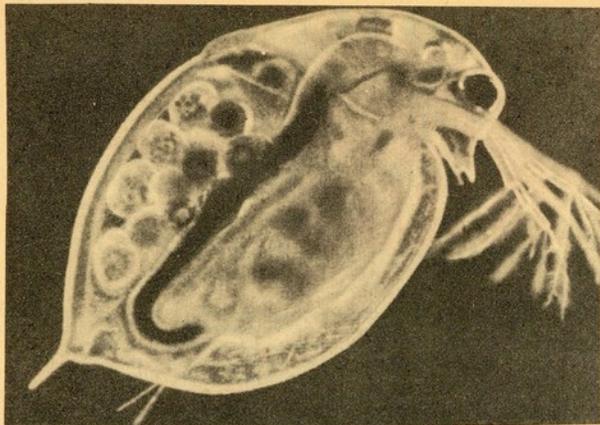
Não só na Polónia, embora houvesse à data do início das hostilidades partidários convictos das vantagens duma estreita aproximação com o Reich, nunca se criou qualquer partido nacional-socialista, mas mesmo depois da ocupação nunca foi possí-

(continua na pág. 22)



O célebre corredor polaco — Dantzig, porta de acesso e mola da grande guerra actual





Animal transparente

A dáfnia é um pequenino animal marinho que apresenta esta particularidade curiosa: é transparente. Por isso é possível estudar no vivo certos fenômenos vitais. Na foto, o canal negro central é o tubo digestivo; na parte superior a este canal, vemos formações arredondadas: são ovos, uns já crescidos, outros em desenvolvimento. A dáfnia está classificada entre os crustáceos microscópicos.

Os remédios entram pela pele

QUASI toda a gente suspeita da eficácia dos remédios aplicados na pele, a não ser que se trate de doenças cutâneas, feridas, queimaduras, etc. No entanto estes remédios têm um valor real, porque é um facto a absorção de medicamentos por meio da pele.

As pomadas aplicam-se em unções ou fricções. É unção, se a pomada é apenas estendida com as pontas dos dedos; é fricção, se se emprega, durante uns 10 minutos, a mão inteira animada dum enérgico movimento de vai-vém, como a fazer penetrar o medicamento na pele. E na verdade a pomada insinua-se nas partes glandulares, nas raízes das peles e através da epiderme, de tal modo que atinge a parte interna da pele (a derme) onde é absorvida.

Muitas vezes, torna-se conveniente, antes de aplicar os medicamentos, limpar muito bem a pele, desengordurando-a com fricções de éter. Assim se produzirá uma melhor absorção, sobretudo no caso de se empregarem substâncias voláteis, cujos vapores tenham de ser absorvidos pela pele.

Também se costuma utilizar a influência da corrente eléctrica para forçar a entrada no organismo, através da pele, de medicamentos dissolvidos. É o método empregado no tratamento das artrites crónicas por meio do salicilato de sódio, etc. A prova de que estes resíduos penetram no organismo, é que são encontrados na urina.

Os revulsivos também actuam sobre a pele. A revulsão tem por fim chamar para a pele o sangue dos órgãos profundos congestionados e sub-jacentes a superfície cutânea. Para este efeito, emprega-se o calor sob a forma de cataplasma, impressas muito quentes, papas, e ventosas. A tintura de iodo e a essência de terebentina, podem ser aplicadas com o mesmo fim.

êle se «intoxica» com o protóxido de cobre, que o torna tão doente que a sua estrutura muda e se desfaz parcialmente.

Muitos metalurgistas falam por exemplo, como se fosse matéria corrente, da vida que se desenvolve no aço durante as várias temperaturas a que é submetido ao ser trabalhado.

Envenene-se o aço com hidrogénio, ou com qualquer outra substância hidrogenada, e ver-se-á como êle adoece e se torna tão quebradico como se tivesse havido um enfraquecimento na sua estrutura.

A glicerina pura, por sua vez, não se pode congelar pelos meios ordinários mesmo a 20° abaixo de zero, mas a introdução dum pouco de glicerina que já tenha sido congelada, determina a solidificação de toda a glicerina. Este processo, segundo os defensores destas idéias, é nem mais nem menos o de inocular numa substância inorgânica certos cristais, para lhe desenvolver as condições de cristalização.

O experimentado alemão Bredig fala dum doença do zinco, — a peste do zinco.

Claro está que êste esforço para «vitalizar» o que é considerado sem vida, pode ser interpretado às avessas, e levar à conclusão que os fenômenos chamados vitais não são específicos da matéria viva, e portanto podem ter uma explicação físico-química.

A verdade sobre o álcool

A questão das bebidas alcoólicas é das mais complicadas. O álcool aparece numa variedade de formas diferentes muito grande. O vinho contém mais de 10 % de álcool, juntamente com outros éteres e complicados compostos orgânicos, que lhe emprestam o sabor e a cor. Vinhos mais finos, são aprimorados com açúcar, corantes, éteres, alúmen e sulfato de cálcio. O Porto e o Xerez levam o reforço de 10 a 15 % de aguardente. O «whisky» é feito de malte e grãos de cereais; o gim, de malte e centeio com aromáticos adicionais, etc.

Além desta composição, as bebidas alcoólicas mais concentradas podem ter outros princípios activos importantes, sem ser o álcool propriamente dito. Assim, o «whisky» verde contém muitas vezes álcool amílico, e o absinto deve a sua poderosa acção sobre o sistema nervoso principalmente ao óleo extraído da planta do mesmo nome.

O álcool age em três direcções: como alimento, como droga e como tóxico. Agora como alimento, porque pode ser queimado nos tecidos, embora não tenha valor para a reparação dos desgastes no organismo; é um alimento do tipo dos combustíveis. Mas difere dos outros combustíveis de maneira bastante sensível: as suas moléculas são relativamente simples, atravessando as paredes do tubo digestivo sem nenhuma digestão preliminar. E por isso que, em certas indisposições em que é necessário um alimento rapidamente absorvível, se pode utilizar o álcool. E um alimento inteiramente artificial, para cuja recepção as nossas células não estão preparadas: estas não podem armazenar o álcool, e muito menos lutar com uma quantidade exagerada dêle.

Quando se bebe uma dose forte de álcool, êste nada no sangue até ser queimado. Nos bêbados crónicos, o sangue acaba por estar sempre levemente impregnado de álcool.

O valor alimenticio duma bebida alcoólica nunca é muito grande, mesmo no caso dos vinhos doces e cervejas, que contém substâncias nutritivas adicionais, como o açúcar; não resta dúvida que a bebida contém menos alimento que o fruto ou grão donde foi extraída.

Como droga, o álcool concentra os seus ataques sobre o sistema nervoso. Diz-se que êle age como estimulante, mas é errado. Não há nenhuma evidência de uma acção estimulante directa da droga sobre qualquer processo vital (excepto no que respeita ao accleramento do ritmo respiratório). Quando nos excitamos diante duma garrafa de vinho, falando e rindo com mais liberdade que antes, é porque se tem a consciência narcotizada. São principalmente as pessoas inquietas e super-conscientes que mais se abraçam ao álcool, vencendo as mais difíceis situações com uma golada.

Outra ilusão dêerca do álcool, é julgar que êle aquece. Na verdade, sente-se calor, mas não provoca o menor aumento de temperatura do corpo: tem uma acção puramente local, incide sobre os vasos sanguíneos da pele, que se dilatam, trazendo maior quantidade de sangue para a superfície, onde está situada a maior parte dos nossos órgãos térmicos. Ora, desviando o sangue para a superfície, donde o calor naturalmente se irradia, o álcool pode muito bem resfriar o nosso corpo — enquanto a pele se aquece com êsse calor illusório.

É difícil separar a acção tóxica do álcool da sua acção como droga, porque esta última depende duma depressão dos processos vitais e não duma verdadeira accleracção, e por isso mesmo é também, em certo sentido, um processo de intoxicação.

Nos casos de alcoolismo, os centros nervosos tornam-se cada vez mais enfraquecidos, a começar pelos centros superiores e seguindo-se-lhes os centros de nível mais baixo. O auto-contrôle diminui, baixando o sentimento das responsabilidades, e surgem variadas complicações psíquicas. As bebidas muito alcoólicas podem endurecer e inflamar as paredes estomacais e, intervindo na produção de suco gástrico, transtorna a assimilação. O fígado pode também ser afectado, apenhamo uma inflamação crónica. As glândulas sexuais são igualmente afectadas, ficando estéréis.

E assim, o álcool arruina o corpo e a alma dos seus devotos. Daí a importância social duma campanha anti-alcoólica, restringindo o uso das bebidas alcoólicas ao mínimo tolerável, embora êste mínimo possa ainda ocasionar perturbações. Nos países vinícolas, como Portugal, era de toda a conveniência intensificar o consumo da uva, do sumo da uva, das passas — por meio de activa propaganda e dum real desejo de tornar êsses, produtos amplamente accessíveis ao povo.

Talvez não saiba...

1 — Que as «estrelas cadentes» não são estrelas e muito menos «almas que caíram no purgatório». São pequenas parcelas de poeira cósmica, que se torna luminosa pela fricção resultante da sua rápida passagem através da atmosfera.

2 — Que os fósforos foram inventados em 1827 pelo farmacêutico sueco John Wolkler.

3 — Que o homem só aprendeu a utilizar o ferro 3.500 anos antes de Cristo e que só millores de anos depois se fabricou aço.

4 — Que o tecido chamado alpaca é, quando natural, feito dos pêlos de um animal chamado Alpaca. Vive no estado doméstico nas cordilheiras sul-americanas e na China.

5 — Que o globo terrestre, no seu movimento em volta do sol, percorre o espaço com maior velocidade que a mais rápida bala de canhão: 29,7 quilômetros por segundo.

6 — Que quando a bússola apareceu na Europa, permitindo uma maior segurança nas viagens de longo curso foi chamada, pelos religiosos, de «blasfema invenção do diabo».

7 — Que os primeiros tecidos a serem fabricados pelos homens foram os de lã. Depois vieram os de linho, cânhamo e seda. Só mais tarde surgiram os tecidos de algodão.

8 — Que só a partir do séc. XVIII se começou a comer batatas na Europa.

9 — Que é um disparate dizer que os filhos das mulheres quarentonas ou mais, estão abaixo do nível das crianças nascidas de mães mais jovens. Enquanto a máquina humana puder gerar células reprodutoras, estas continuam eternamente na mesma: nem jovens, nem velhas.

Os metais têm vida?

NA opinião de alguns metalurgistas, as variações de resistência e elasticidade de certos metais são devidas a causas análogas das doenças nos tecidos orgânicos.

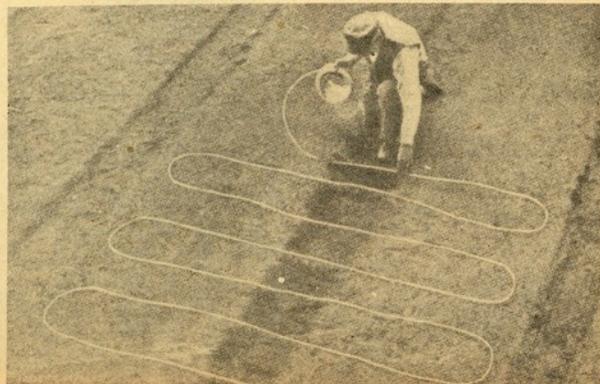
O professor alemão Heyn tem estudado as modificações do ferro submetido a todas as temperaturas, e constatou que o metal passa por várias fases de doença que produzem mudanças estruturais, da mesma forma que as células das plantas e dos animais variam de forma, de tamanho e de posição.

Aquecendo o cobre para descobrir a razão do ferro sofrer com o aquecimento, Heyn concluiu que

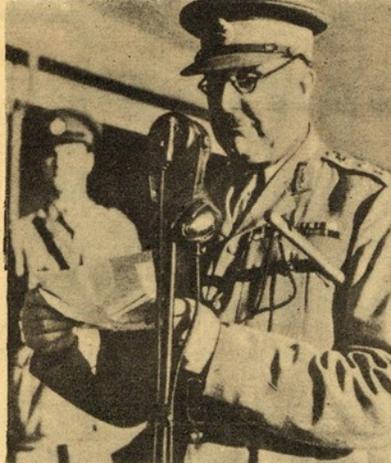
NOVA AGRICULTURA

A foto mostra a colocação dum cabo eléctrico para aquecimento dum canteiro destinado à cultura de legumes. A importância de electricidade na agricultura acentua-se cada vez mais. A sagraultura eléctrica, como agora se lhe chama, não é um sonho vão. Mais de 1.500.000 cultivadores e horticultores electricificaram as suas proprieda-

des. A aplicação da electricidade ao melhoramento da terra, é uma das últimas etapas percorridas. O aquecimento das terras por meio da electricidade, origina a formação de espécies temporãs, e mesmo fora da estação. Couves, alfaces, frutos diversos, crescem mais rapidamente. Enterram-se os fios eléctricos a uma profundidade de 30 cm.



## O SEGUNDO DESEMBARQUE ALIADO EM FRANÇA



General «sir» Henry Maitland Wilson



General Latre de Tassigny



Tenente-general L. Devers

**T**AL como a data de 6 de Junho de 1944, o dia 15 de Agosto vai ficar na história da França a marcar o início da fase final da libertação total do país, cujo exército foi o mais espectacularmente vencido pelo Reich em 1940.

Em face desta nova operação, o Alto Comando alemão, que sempre temeu a guerra em duas frentes, vê-se agora a contos com cinco, para as quais, segundo todas as aparências, não conta com os efectivos que possam realizar qualquer contra-offensiva de carácter positivo.

Em toda a área da França, os progressos das forças anglo-americanas estão a realizar-se com fantástica rapidez. De tal modo, que se pode dizer não existirem já duas frentes — mas uma só.

Indubitavelmente, o objectivo imediato é a completa libertação da França. No entanto, estes exér-

citos têm outro desígnio que, sob o ponto de vista militar, não é inferior ao objectivo político acima citado — a destruição total das forças armadas germânicas do ocidente europeu.

O general Sir Henry Maitland Wilson, comandante-chefe do teatro de operações do Mediterrâneo uma vez firmemente instalado nas praias da Riviera tem à sua frente o vale do Ródano, considerado uma das melhores vias de acesso para as fronteiras da Alemanha propriamente dita.

Para se opor à nova ameaça, o marechal de campo Blaskowitz — o qual, segundo parece, não foi atingido pela recente depuração da oficialidade da «Whermacht» — dispõe apenas de cerca de dez divisões fracamente blindadas e que, além disso, estão distribuídas por toda a extensão das defesas costeiras do Mediterrâneo.

A completar tão ameaçador aspecto da situação, levanta-se perante o marechal alemão um dilema cujas proposições são ilustradas pelas seguintes possibilidades: é certo que o general Wilson pode muito bem atacar directamente o coração da França, mas ninguém poderá garantir ao Reich que as Nações Unidas não estejam em condições de lançar também em direcção à Itália outras forças que possam cobrir o flanco doutro possível desembarque à retaguarda do exército alemão que combate na Itália.

Portanto, o marechal Blaskowitz pode ser obrigado a conservar parte do seu exército a leste no intuito de defender a passagem para a Itália, o que provocará inevitavelmente o enfraquecimento das defesas que protegem a entrada no vale do Ródano. Estas teorias, expostas por um dos mais categorizados críticos militares ingleses, demonstra claramente a transcendência do êxito da invasão iniciada há quinze dias.

Com o desencadeamento da nova ofensiva, reapareceram no panorama militar alguns chefes aliados, dos quais há muito se esperava uma acção decisiva para o prosseguimento da guerra.

A frente destes oficiais colocou-se a figura bastante conhecida do general Wilson, cuja experiência, obtida em várias campanhas do actual conflito, o apontou para o desempenho dum cargo, em tudo semelhante ao ocupado pelo general Eisenhower na preparação e execução dos desembarques na Normandia.

A seguir, apresentou-se em pé de igualdade com o marechal Tedder na invasão do norte da Europa, o general norte-americano Jacob Loucks Devers. Considerado o mais competente perito em organização e administração militar do exército americano, atribuem-se-lhe também espantosas qualidades como comandante de forças blindadas.

Alto e desempenhado, Devers conta 57 anos e é descendente de famílias holandesas e irlandesas. Em Maio de 1943 foi nomeado chefe das forças

americanas no norte da Europa. Meses depois, em Dezembro, foi transferido para o comando das tropas americanas aquarteladas na área do Mediterrâneo e, simultaneamente, passou a ser o adjunto do general Maitland Wilson.

Nos Estados Unidos, Devers pôs termo à rivalidade entre os oficiais de cavalaria e infantaria, os quais se digladiavam entre si para obter o comando das forças blindadas norte-americanas, convencendo os seus subordinados de que deviam considerar os regimentos mecanizados para onde tinham sido enviados como uma nova secção do exército e não um complemento das unidades a que pertenciam anteriormente.

Como auxiliares directos de Devers, citam-se os nomes dos americanos: major-general Alexander Patch, comandante de todas as forças terrestres aliadas; almirante H. K. Hewitt, chefe das forças navais em águas noroeste-africanas; general da aviação Gordon Saville, chefe do 12.º comando táctico; e general Delattre de Tassigny, comandante dos exércitos franceses.

O major-general Patch sucedeu ao general George Patton, que comanda agora o 3.º exército americano na Normandia, na chefia do conhecido 7.º exército dos Estados Unidos, que tomou parte na campanha do norte de África. Foi este oficial que procedeu às operações de limpeza da ilha de Guadalcanal, nas Salomão, em 1942.

Apesar de todo o seu militarismo, Patch é um intelectual que coleciona closamente as primeiras edições das obras de Rudyard Kipling, e o seu maior prazer consiste em recitar os poemas «Gunga Din» e «If», do consagrado poeta inglês. Depois da outra guerra, durante a qual prestou serviço em França, frequentou uma academia militar britânica.

O almirante Hewitt tem 57 anos, comandou as forças navais que atacaram o Marrocos francês em 1942 e dirigiu as operações de desembarque da esquadra americana quando da invasão da Sicília e da Itália.

Por seu turno, o general Saville dirigiu a Força Aérea Tática nas batalhas travadas antes da conquista de Roma.

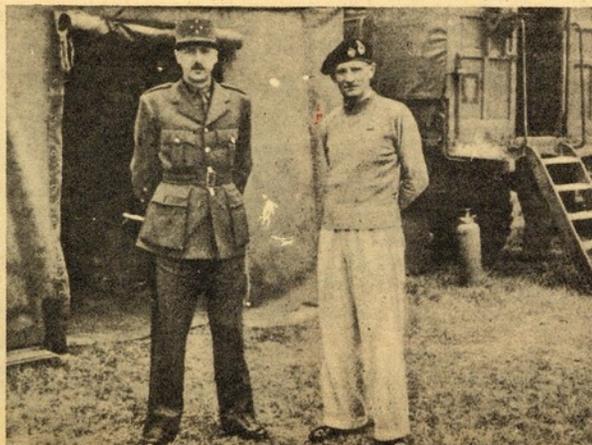
Quando ao general de Tassigny, a sua carreira nesta guerra apresenta aspectos onde a audácia e a aventura têm lugar preponderante. Em 1943, fugiu duma prisão de Riom, onde aguardava julgamento, depois de ter serrado as grades da janela e escalado as paredes do edifício com o auxílio duma corda. Em tempos, este chefe francês foi comandante duma guarnição militar do sul da França, o que, sem dúvida, deve ter contribuído para a sua escolha no desempenho da missão que agora lhe foi confiada.

## Paris dos parisienses...

**P**ARIS, símbolo vivo de uma civilização que é do mundo inteiro, onde se forjaram os grandes e modernos conceitos da liberdade e do pensamento, rugiu os crepes de luto que lhe envolviam as colunas do Arco do Triunfo e ergueu a flâmula tricolor.

Paris, que sofreu e chorou, redimiou-se, porque retomou na dor dos seus filhos as virtudes da raça desvirtuada pelo exemplo de alguns.

O general Koenig, à frente do seu exército de Forças do Interior, tomou conta da terra dilacerada. Paris está liberto — pela honra dos parisienses, legendários representantes das forças que tomaram a Bastilha e venceram nas Comunas. O povo, o bom, o generoso povo francês, enxuga as lágrimas, cura as feridas e ergue os olhos porque não pode deixar de fixar a estrala luminosa do seu eterno destino. Depois de quatro anos de opressão, de miséria e de vexame, com os lares desfeitos e as almas maceradas, a França liberta em mais de três terços do seu solo pega na enxada, na bigorna e no livro da consciência Pátria e abre os tribunais para julgar os réus. Retempera-se e reage. O nome dos homens que ajudarão a operar esse



Montgomery e Koenig, os dois chefes das operações anglo-francesas

milagre não importa. Importa, sim, que a França retome o lugar que o alto espírito do povo reclama. As Nações Unidas sabem-no. Por isso, porque os Aliados sabem a magia que representa para a Europa uma França liberta — por isso lançaram a grande ofensiva na sua libertação. O calvário dos franceses, porém, não acabou. Haverá, quando muito, um suspiro na opressão. O drama, todavia, continua...

## e tudo o mais que se sabe...

Os acontecimentos precipitam-se. Já não há previsão possível. Dir-se-ia que os factos nos põem em presença de 1940 — mas com as imagens invertidas. Depois do corte de relações diplomáticas da Turquia com o Reich, do regresso da França ao concerto das nações livres, do drama de Pétain e das implícitas relações dos neutros com a França — velo a Roménia com o seu pedido de cessação de hostilidades. Os romenos, segundo país a pedir a paz — o primeiro foi a Itália — abrem, assim, um exemplo na baía danubiana: a Bulgária e a Hungria sentem demasiado pesado o fardo das suas responsabilidades e procuram uma solução que lhes alivie os encargos, enquanto a Finlândia, num governo de transição, regressa ao plano das discussões da paz.

## A luta pela posse de Varsóvia é uma «questão polaca»?

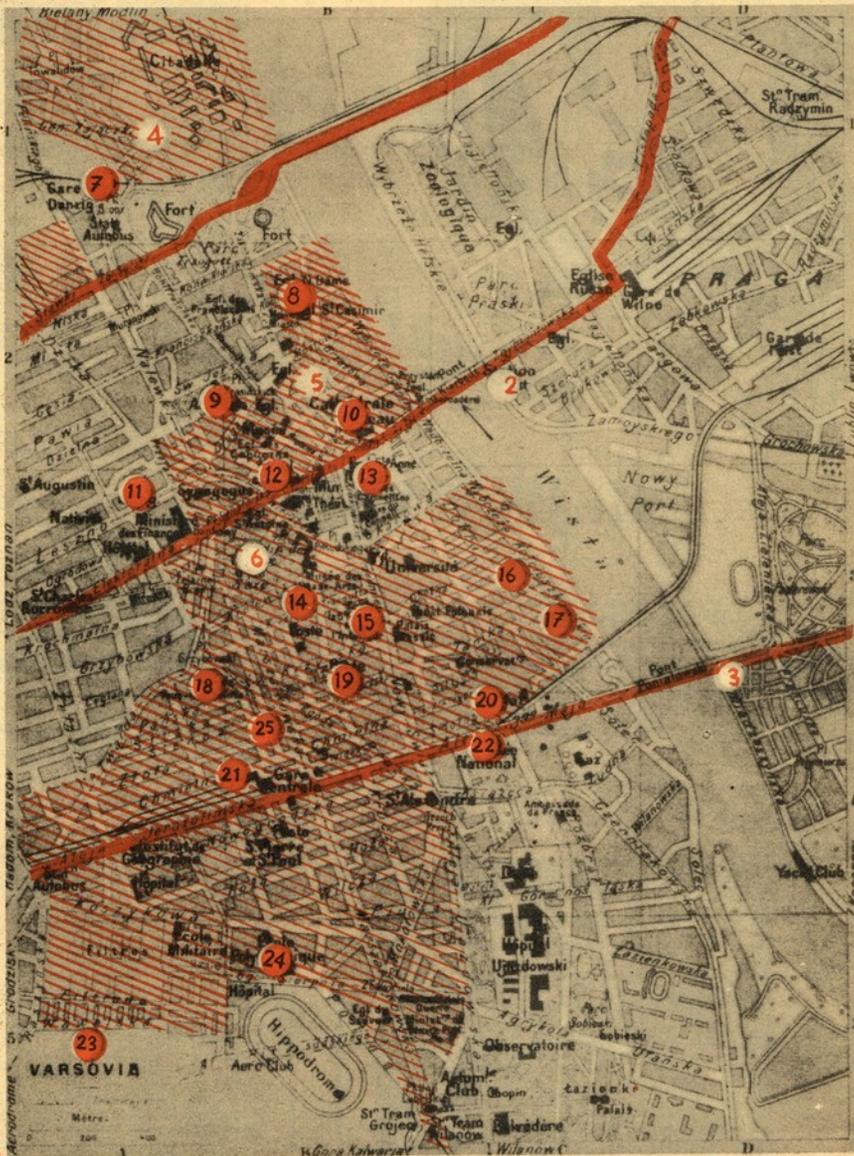
**D**E repente, parece que a marcha das operações na frente Leste — agora bem desviada para ocidente — tomou um rumo diferente. E, o que é mais de assinalar, é que esse rumo parece desviar-se das suas determinantes iniciais, mesmo às portas de Varsóvia, quando mais de metade da Polónia se encontrava na posse dos russos e o Presidente do Conselho polaco regressava a Moscovo com algumas informações lacónicas acerca dos resultados das conferências realizadas com os russos. Esses resultados, entretanto, estão a ser discutidos pelo governo polaco, da frente do qual Micolajczyk se negou a assumir a presidência da Comissão de Libertação apoiada por Moscovo. Entretanto, frente a frente, quatro forças combatem pela posse de Varsóvia. Os russos que se limitam a auxiliar os polacos chefiados por Rola-Zymierski, e os ingleses que lhes seguem a atitude, encorajando as forças dos patriotas. E, entretanto, também — Varsóvia arde. As chamas das suas casas desfeitas, o caos, o fumo, a poeira, são notas de cor sangrenta com que há-de escrever-se a sua história moderna.

Quando estas notas e o mapa que as encima chegaram a ser publicados, talvez que a política da Polónia tenha feito soar os clarins e entrem em contacto todas as forças em presença. Até lá, Varsóvia vai ardendo, os patriotas das duas facções vão agindo perante a expectativa dos anglo-russos e o governo estabelecido em Londres vai discutindo os alicerces da nova geografia política da Europa.

O mapa que damos junto, muito elucidativo, mostra-nos a posição das forças polacas, em relação aos alemães encontrados em Varsóvia. Pelo seu cotejo, se verificará como a luta por palmo de terreno ou casa ainda de pé constitui uma das mais duras provas desta guerra.

Enfim, a luta pela posse de Varsóvia será, de facto, um simbolismo político e uma «questão polaca» como o foi a luta por Paris?

*Linhas vermelhas: constituem as três artérias principais de abastecimentos alemães para a frente que atravessam o Vistula sobre três pontos: 1) Antiga ponte do caminho de ferro; 2) Ponte Kierbedz; 3) Ponte Poniatowski. — Partes tracejadas: terrenos onde estão a travar-se os maiores combates; 4) O bairro «Zoliborz»; 5) O bairro velho «Stare Miasto»; 6) O «Jardim de Saxe». — Pontos vermelhos: edifícios mencionados nos comunicados do general Bor; 7) Estação de Danzig (em poder dos alemães); 8) Igreja de Nossa Senhora (incendiada); 9) Palácio Krasinski (incendiado); 10) Catedral (incendiada e destruída); 11) Igreja protestante (incendiada); 12) Câmara Municipal (bastião polaco); 13) Igreja de Sant'Ana (incendiada); 14) Liceu Rej (tomado pelos alemães); 15) Igreja de Santa Cruz (incendiada); 16) Geradora da Electricidade (em poder dos polacos); 17) Teatro «Athenum» (incendiado); 18) Igreja de Todos-os-Santos (incendiada); 19) Correio Central e arranha-céus da «Prudential» (em poder dos polacos); 20) Hospital da Cruz Vermelha (incendiado); 21) Estação Central (em poder dos alemães); 22) Museu Nacional (incendiado); 23) Instituto de Radiologia (incendiado); 24) Escola Politécnica (terreno de lutas extremamente duras); 25) Central telefónica (conquistada pelos polacos).*



Museu Nacional, destruído pelo fogo



Um aspecto da cidade velha



**Atenção!**

V. Ex. deseja uma boa gravura?

FIXE BEM ÊSTE NOME:

**BERTRAND**  
IRMÃOS, L. D. A.

OS MAIORES ATELIÊRES GRÁFICOS DO PAÍS

Executam com a máxima perfeição todos os trabalhos de Fotogravura, Tipografia, Offset e Desenho

Travessa da Condessa do Rio, 27 — LISBOA — Telefones P.B.X. 2 1227 - 2 1368



**...Aqui América**

**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS**  
**EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,93	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	26,45	WRUW	25,58	WBOS	19,74
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
19,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	16,91		
20,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEA	25,33	WGEX	16,78
21,15								
21,15	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,57	WGEX	16,78
22,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WKLJ	30,77		

a (Meia hora de programa especial)

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA**

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE



**RALCO**  
LA CHAUX DE FONDS · SUISSE

IMPERMEAVEL AUTOMATICO  
ANTI-MAGNETICO AMORTECEDOR DE CHOQUE

MÓDELO Nº338.294 - ESC.450,00  
MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA  
**MAURY**  
RUA AUREA 202-LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

**História da Guerra**

*Cabelos cheios de sol*



(Continuação da pág. 18)

ve; constituir um governo colaboracionista nos moldes dos movimentos de Degrelle, Mussert, Quisling, ou mesmo um governo decidido a fazer a política de colaboração com os ocupantes, como os governos Laval, em França, Neditch, na Jugoslávia, ou Tsolakoglu, na Grécia.

Esta circunstância contribuiu para que o movimento de resistência nacional na Polónia tomasse, mais do que em qualquer outro país, grandes proporções desde o Outono de 1939. Esse movimento, cuja «volução» caracterizou todo o período de ocupação foi, sem dúvida, o mais extenso e aquele que se desenrolou em condições mais dramáticas, entre todos os que se suscitaram na Europa no decurso desta guerra.

A Polónia foi, de todos os países europeus, o que mais prolongadamente suportou os inconvenientes da ocupação. Mas foi, simultaneamente, aquela onde as energias e as virtudes tradicionais da nação primeiro afloraram e se manifestaram, dando ao mundo a certeza de que a independência polaca é uma das constantes do equilíbrio e da sobrevivência da Europa. A Polónia, depois de suportar século e meio de sujeição, ressuscitou depois da última guerra não apenas porque era essa a vontade dos vencedores, mas porque isso correspondia ao seu interesse e às suas conveniências mais elementares. O fenómeno voltou a verificar-se na segunda conflagração mundial em que todos tiveram ocasião de reconhecer que, sem uma Polónia independente, não é possível estabelecer uma paz duradoura nem organizar eficazmente o continente europeu.

(Continua)



«Lavalon-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco grammas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D. — Telefone 43582.



VINHOS VELHOS DO PORTO  
**Niepoort**

# \* PASSATEMPO \*

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

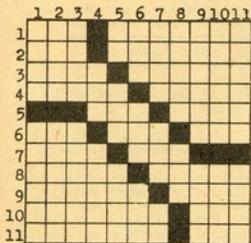
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 47

Por Jorge Pessoa Pereira  
(Lisboa)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1—Estréla; calcúlas. 2—Jornada; grãos de cereais que se lançam na terra, para germinar. 3—Cobre de neve; legislador dos Judeus, os quais conduziu na saída do Egipto. 4—Dera ensejo a; rebanhos de gado miúdo. 5—Ovário dos peixes; batráquio (pop.). 6—Cabelos brancos; aqui está; oriental. 7—Desejas; gritos de alegria. 8—Cada uma das varas que saem dos lados de um veículo; lâminas de metal com que se dá impulso a qualquer peça. 9—Ligaram; parte glandular do peito da mulher. 10—Penderias; grande massa de água salgada, que cobre parte da superfície da terra. 11—Limpara de mucosidades (o nariz); senhor.

**VERTICAIS:** 1—Destino; biscoito leve e duro. 2—Composições poéticas, divididas em estrofes simétricas; enches de matas. 3—Matéria em fusão, que sai dos vulcões; curais. 4—Anel; fezes, que o vinho e outros líquidos deixam aderentes ao fundo das vasilhas. 5—Carta de jogar que tem um só ponto marcado; animal vertebrado de pele coberta de penas; casta. 6—Regressa; criada particular; grande quantidade. 7—Tumór sifilítico de origem terciária (inv.); consentimento; que tem saúde. 8—Elevação de terra entre sulcos; ruído. 9—Inscribe; lódo. 10—Parte da fecharia de algumas armas de fogo; desejam. 11—Tempo durante o qual funciona um congresso; euro.

PROBLEMA N.º 42

Solução

**HORIZONTAIS:** 1—Alas; pira. 2—Aro; ara. 3—Arder; Paris. 4—Mura; isola. 5—Amarar; sós. 6—Cea; Compia. 7—Alta; aras. 8—Coima; aceso. 9—Cor; oit. 10—Vara; taal.

**VERTICAIS:** 1—Fama; caco. 2—Rum; elo. 3—Ladra; ática. 4—Arear; amor. 5—Sor; aliara. 6—Papiro; aot. 7—Iras; macia. 8—Raros; preta. 9—Ilo; ias. 10—Asas; asos.

## DAMAS

(Secção espanhola)

«La Provincia» — Las Palmas (Espanha)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora Telde — G. Canária — Espanha

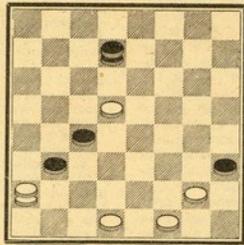
- 1.º Concurso de Problemistas de «Damas»
- 2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

COMPOSIÇÃO N.º 11 (Final artístico)

«La Provincia», 31-8-94 - Las Palmas (Espanha)

Lema: «Lusiada III»

Pretas: 1 «dama» e 3 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 4 «pedras».  
As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DAS «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

IV

Os problemas de «damas» — Definições

Nos livros de «damas», que conhecemos, não encontramos uma definição do problema. Só na «Estratégia» do Porto (Portugal), temos uma promessa de fazer a dita definição; porém, ignoramos se ela foi ou não cumprida. Por outra parte, vistas as composições que publica como problemas e as que dá como estudos, vemos que existe confusão, o que nos move a dar uma que se ajusta aos conceitos xadrezísticos do problema.

Os autores clássicos espanhóis Cecilia, Garcés, Vallis, Timoneda, etc., conformam-se em os englobar na denominação comum de *lances*. Nós opinamos que estes lances devem dividir-se em três classes: problema, final artístico ou simplesmente final, e final técnico ou estudo.

**Problema** — É uma composição temática de número fixo de jogadas sem mate ou em final técnico conhecido, sendo todas as suas jogadas precisas como no problema. O seu enunciado é: «As brancas jogam e ganham ou empatam».

**Final artístico, ou final** — É uma composição temática de número indeterminado de jogadas que termina em mate ou em final técnico conhecido, sendo todas as suas jogadas precisas como no problema. O seu enunciado é: «As brancas jogam e ganham ou empatam».

**Final técnico, ou estudo** — É um dos finais correntes nas partidas que se terminam por superioridade material ou posicional das brancas e cujas jogadas não necessitam uma precisão tão absoluta como nos anteriores. O seu enunciado é como o do final artístico.

Chamamos *mate*, nas «damas», à jogada pela qual as pretas se vêem obrigadas a jogar de maneira tal que todas as jogadas das brancas são obrigadas, ficando as pretas aniquiladas. As pretas poderão ter algumas variantes nas suas jogadas; porém, as das brancas são todas obrigatórias.

Nestas idéias coincidimos com a do dr. Puig y Puig na sua obra «Disertación crítica sobre los finales».

(Continua no próximo número)

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS»

Organizado por La Provincia e um jornal de Lisboa, e de baixo dos auspícios da Federação «Damista» Canária, está-se organizando um «match» por correspondência entre uma equipa portuguesa de 1.ª categoria e outra também de 1.ª categoria da F. D. Canária.

La Provincia oferece como trofeu uma taça de prata. Esperamos conhe-

cer os prémios da Federação «Damista» Canária e do jornal português, assim como o regulamento deste «match» para os publicarmos. Podemos desde já dizer que as equipas serão de 4 ou de 6 jogadores, e que cada jogador terá que jogar duas partidas simultâneas com cada jogador da equipa contrária.

AVISO

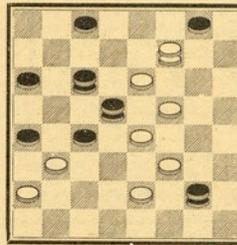
Avisam-se todas as pessoas que se dirijam ao dr. Carlos R. Lafora que não devem esquecer-se de mencionar a residência, que, como já várias vezes temos dito, é a seguinte: Nueva, 7. Telde — G. Canária — Espanha.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 49 (Concurso)

Por António Eduardo Igrejas (Melgaço)

(O autor dedica este trabalho ao seu mestre «damista» Manuel Tórrres, de Valinha — Minho)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 47

Solução

3-6	2-5	9-13	18-22
24-15	11-2	2-9	9-27
16-30-21-11-20			
ganham.			

P.

Chave intercambial:

2-5	3-6
24-15	11-2
etc.	

PROBLEMA N.º 48

Solução

10-14	2-6	20-23	21-16
19-10	10-3	5-28	30-21
9-13	4-7	16-3-13-31-24-11-25	
17-10	3-12		P.

ACTOR JÚLIO SALUSTIANO RODRIGUES (Salus)

Damos hoje as respostas às perguntas que o nosso velho amigo Salus fez no nosso último número, aos leitores de «Vida Mundial Ilustrada», repetindo, porém, as perguntas.

P. — Quando é que um guarda-freio dos eléctricos se compara a um polícia?

R. — Quando nos leva à Boa-Ho u.

P. — Quando é que um simples carpinteiro se parece com um padre?

R. — Quando prega.

P. — Porque se parece um relógio de algebeira com um escultor?

R. — Porque tem ponteiros e trabalha com pedras.

P. — O que é que nos fica no mundo no final da guerra?

R. — O 1.º verso dos «Lusiadas»: As armas e os varões assinalados.

P. — Se não há regra sem excepção, qual foi até hoje o português mais excepcional?

R. — João das Regras.

P. — Qual é a terra portuguesa que os escolares mais temem?

R. — Peso da Régua.

Ventura  
ama as flores  
(História sem palavras)



O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA  
ALIANÇA  
PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra

Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias;  
Uma magnífica edição  
de «VIDA MUNDIAL»

# CONFISSÃO

Conto por **NATÈRCIA COUTO** ~ Ilustração de **RUDY**

**A** aldeia era ventosa e soturna. O vento sibilava através das mil e uma fendas da casaria vetusta, mas o vento faz bem, e, segundo os dizeres do povo, até ajuda a crescer.

Velhos de sorame, sentados no poial da porta saboreiam os restos do também já velho cachimbo. As velhas dormem ao canto da lareira e, de quando em quando, acordando em sobresalto, principiam pela quarta ou quinta vez a rezar o terço; depois, suspendem involuntariamente o fio das orações para caírem vencidas pela sonolência.

O lume morre a pouco e pouco, e as velhas dormem o seu quinto ou sexto sono... Depois, tudo fica imerso no silêncio, vendo-se apenas no ar algumas espirais de fumo de alecrim ou alfazema, queimados há pouco nas brasas. Os poiais estão cheios; neste, a família do tio Anastácio, o homem que entende coisas de medicina; noutro, ao lado dos filhos, o «Zé da Bola», considerado o homem de maior sorte na aldeia; noutra, a Maria Rosa, a qual esteve em vésperas de casório com um serrano que partiu para França, deixando-a sem uma palavra, e pelo qual a pobrezinha ainda espera, com os olhos imensamente fitos para os lados da fronteira. E há ainda a velha que lê o futuro, e que, com os seus preságios, convence a todos, e a Maria Rosa, e faz que com a sua arenga. Com quem falará ela? Ah! é com a enjeitada do Casal da Roseira.

Deus me perdoe... Morro de curiosidade; se eu conseguisse ouvir uns monossilabos ao menos, reünia-os e dava-lhes o respectivo conceito. Consigo aproximar-me e encubro-me com o portal vizinho. A velha das profecias fala assim:

— «Quando os homens conseguirem desvendar a vida da morte, o mundo acabará. A Natureza deixará que, até certo ponto, as pesquisas a devam; depois, virão os abalos subterrâneos e a terra perecerá. E certo que o Criador tudo pode. Mas se é omnipotente, para que criou o Reino de Plutão e fez que as nossas almas povoassem aquelas paragens obscuras, macabras, formidavelmente horrendas? Ouve, pequena: passarás por muitas fases; os teus olhos deixarão de ter brilho, porque a atmosfera embaciá-los-á; a tua voz transformar-se-á na mais grave melodia e perderás assim um dos maiores encantos da juventude. Os ouvidos habituar-se-ão a uma linguagem grosseira, e o tímpano, a bigorna, o caracol, deixarão de funcionar, embora a atracção continue a embalar-te, sem que, porém, disso suspeites. Se quiseres pão, sê-mela-o. Conta somente com o teu braço. Se te recusarem terreno, não te humilches, conspira. Se fôres forte, se sentires o teu mecanismo pessoal vibrar, caminha com ele e para ele. Jesus Cristo também caminhou, e tu sabes com que fardo!... Faz por viver num ambiente onde a tua personalidade seja soberana. Procura revestir a tua alma da maior percentagem de dignidade, e bem dos teus desígnios. Caminhar, sim, mas caminhar através de possíveis e impossíveis. Os primeiros favorecer-te a marcha na vida, os outros ajudam-te a conhecer aquela. Se ninguém caminhasse, as ervas cresceriam no meio da estrada, mas caminhando por ela o solo acimentiza-se para dar somente leito ao cadenciado da penitência humana. Sabes o que são sêres? O tempo se encarregará de te instruir sobre tal mistério. Sabes o que é o homem ou que é a mulher? Não será aquele um objecto minúsculo que rola dum montanha interminável e que deixa à sua passagem um rasto de partículas destruidoras? Não será esta a folha fresca que cai da árvore, secando após algumas voltas no espaço? És órfã e, para mais, não conheces o conforto dum lar paterno. Mas, talvez por isso, a tua sensibilidade por uma disposição do destino, se não ressinta do difícil acesso desta penosa calçada. Contudo, sentirás por vezes a impressão nítida dos diversos vapores do mundo. A ideia do fogo há-de acordar-te muitas vezes, a fim de que alguns reflexos, evocando esta imperceptível camada e outras camadas invisíveis, te incitem a pensar nelas com a devida segurança e a devida precaução espiritual. Avizinha-te da verdade lógica de uma eloquência acessível, somente quando ela diga muito numa só expressão. Deves ter em vista os sentimentos do belo e do sublime. O primeiro encanta, o segundo enobrece e aprofunda a seqüência

em evolução. Depois disto, nada mais te posso dizer. A tua mentalidade é pequenina demais para atingir a solução de problemas vários e complicados, que te daria com prazer; mas, mais tarde, alguém te elucidará sobre tudo isso: esse alguém será a tua experiência, unicamente a tua experiência.

A velha dos preságios terminara a sua prelecção à pequenita do Casal da Roseira... Como quem presente a presença de estranho espírito, a velha mede, de sobrolho carregado, os metros de rua mais próximos. Sinto que o seu olhar se fixa no portal onde me oculto, protegida pela escuridão da noite. Depois, faz um gesto desdenhoso, e os lábios movem-se para sorrir com desprezo. E lá se vai, a coxear, challe em bico, debotado e cheio de nódoas. A órfã ficara a pensar. «Esta mulher sabe muito — diz ela. ¿E o seu pontos de vista convencerão todos aqueles que a escutam? Possivelmente, uma das camadas de que me falou deve estar em oposição com os seus paradoxos... Ignoro até que ponto as suas prescrições a levam; no entanto, noto que não sinto o vácuo em que vivia. Creio firmemente que passei de adolescente para grande senhora. Oh! independência! ¿Não serei eu livre, não poderei semear o pão de que ela me falou? Sim, conspirarei, mas ¿que posso eu, sêr fãlmito, se vejo as cadeias do mundo? ¿De que me serve a minha voz, a verdade da minha consciência se sou sózlnha a querer?»

E a órfã, de olhos no chão, envergando um bibe de riscas azues, lá se foi a pensar.

Era tarde, as galinhas não davam sinal de vida, a casaria continuava mergulhada na obscuridade. Divisavam-se sombras que se agitavam: eram os velhos que permaneciam nos poiais. Quando a pequena chegou ao Casal da Roseira, olhou para tudo o que deixara atrás, e entrou limpando furtiva lágrima à manga do bibe de riscas azues.

Decidi, depois de observar estes episódios, vaguear por aquelas paragens: não tinha sono; ainda andei uns passos, mas resolvi ir para casa. A janela do meu quarto estava aberta, o vento sibilava deixando um pouco de calor à sua passagem. Aproximei-me da janela, e, meditando, vi...

Do Casal da Roseira vi sair uma velha — que curioso! — de corpo vergado, mas rosto de criança, precisamente o rosto da órfã do Casal.

— Andará aqui magia? — pensei.

O vulto aproximou-se da minha janela e parou. Receei qualquer surpresa. Então a velha estendeu-me a mão, como quem pede esmola. Peguei nuns centavos que, por acaso, jaziam no meu bôlso, e coloquei-os na sua mão. A velha com rosto de criança sorriu, e continuou inerte. Então, ousei perguntar-lhe:

— Ouve, pequena, por que razão te disfarças de velha mendiga?

Silêncio...

— Por que razão saíste de casa a esta hora, envolvida nesses andrajos?

Silêncio... Comecei a irritar-me. Saí-da. Depois, olhei-a nos olhos, passei a minha mão por

êles e fiquei aterrada. Aquela que estava na minha frente era cega. Fiz nova experiência e convenci-me de que era muda e surda. Era um triste sêr no mundo. Os lábios moviam-se de vez em quando.

Estudei o fenómeno, e adivinhei que havia naquele corpo vergado uma grande confissão, uma confissão cega, muda, surda, dum triste sêr que viera ao mundo órfão.

E a confissão falou assim:

— «Sou cega, porque vi entre os meus irmãos mortais acções tais que os meus olhos cegaram. Sou surda, porque ouvi entre os meus irmãos mortais factos tais que os meus ouvidos ensurdeceram. Sou muda, porque entre os meus irmãos mortais se trocaram palavras odiosas, e eu fui obrigada a falar, e a minha garganta secou, a minha língua desapareceu. Vim ao mundo, estou no mundo, e ficarei no mundo debaixo da terra. Eu quis, os mortais impediram; eu pensei, os mortais levaram-me o cérebro; eu implorei, os mortais arrancaram-me o coração. Triste sêr que vieste ao mundo para te transformares na mais odiosa criatura! Corpo de velha, rosto de menina...»

A confissão disse-me tudo isto, e a velha continuou parada ali na minha frente. Eu disse-lhe: «Vai!», e ela foi. Segui-a com os olhos até a perde de vista.

Mas que é isto?

Parece-me o romper da alvorada. Já é dia, o galo anuncia o despertar da manhã; volto a mim: fóra tudo um produto da minha imaginação; eu não vira nenhuma velha de corpo vergado e rosto de criança. Eu pensara apenas, influenciada pela conversa entre a velha dos preságios e a órfã. Passei horas ao relento, encostado às vidraças, e quando resolvi deltar-me, enquanto os outros se levantavam, olhei novamente a rua por onde seguira o triste sêr que eu imaginara. Não pude deixar de sorrir. Em seu lugar, caminhando com passos miúdos, sacola ao ombro, vinha uma criança com um bibe de riscas azues: era a órfã do Casal da Roseira...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA  
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27